

Novembro de 1997

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 133
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Alta tecnologia. Alta tecnologia?

“Hoje é o amanhã que ontem você tanto esperava” dizia o velho sábio ao ser perguntado sobre como seria o futuro.

Estávamos na Amazônia e chovia como o diabo, a trovoadas corria solta, havia estático de duas polegadas, era uma dessas tempestades tropicais que só ocorrem naquela região. O pobre telegrafista tentava em vão receber o sinalzinho fraco no meio do QRN.

Era o ano de 1974 e eu estava visitando o Fanaya, PY9AY, quando o pálido telegrafista entrou na sala e pediu ajuda para o velho mestre: – “Chefe estou tentando receber um bife (nome dado às mensagens complicadas) urgente e não consigo. O QRN está me impedindo de copiar”. O Fanaya então me disse: “Vamos até a sala de tráfego ver o que eu posso fazer”.

O mestre sentou-se à frente da Remington carcomida, colocou o papel de radiograma na máquina de escrever, calmamente ajustou os fones, empunhou o Vibroplex e mandou: NW OP EH FANAYA PSE RPT MSG AA NR. Ou seja, repita a mensagem começando pelo número. Eu coloquei um fone em paralelo para poder corujar e tentei acompanhar a transmissão do radiograma. Quando eu não identificava um sinal no meio do ruído, eu olhava de soslaio para a máquina de escrever e lá estava o sinal. A mensagem era sobre um pedido de peças de máquinas pesadas e o código das peças era mais ou menos assim: MANGUEIRA DO HIDRAULICO COD BIPT 6B5H4V e por aí afora. Ao final do contato o Fanaya bateu: R QSL

MSG NR 814/74 PLS 253 QTR 1452 DE FANAYA 73 ES SDS.

A rede de estações espalhada pela Amazônia, que estava acompanhando o tráfego, começou a mandar FB TU FB TU FB TU em cumprimento à sua eficiência. O tráfego era feito em QSK e o veterano operador não pedira um único BK. Olhei para o telegrafista e ele com o olhar respeitoso disse: “Parabéns chefe, o que eu devo fazer para melhorar a minha recepção?” O mestre disse com humildade: “O melhor filtro que existe é o cérebro e ele precisa de treino. Apenas não se irrite com o QRM e tente escutar, com o tempo você aprende a rejeitar o ruído e ouvir apenas o sinal.”

No começo do ano eu estava corujando o concurso CQWPX e um novato estava recebendo telegrafia pelo computador. O rapaz era esperto e estava mandando ver com o computador, rádio moderno com bons filtros, DSP, noisy blanker, notch e tudo o mais. Até que ia bem, estava trafegando com boa velocidade e o computador recebia direitinho. Subi de frequência e lá estava o veterano com seu radiinho a válvula, sem grandes recursos, corujei o veterano um pouquinho e mudei de faixa. Mais tarde quando a propagação começou a dar sinais que ia fechar o veterano estava lá firme, copiando sinais baixos com a mesma velocidade, o novato com todos os recursos pedia: PSE CFM UR CALL, outro contato e: PSE RPT NR até que desistiu, o computador começava a se perder no meio do QRM, e o veterano continuava lá, firme, QSL 73 TU mais um contato e QSL 73 TU e permaneceu por mais uma hora até que não havia mais sinal, 15 metros estava fechado.

Nestes tempos de tecnologia desenfreada, onde a cada dia nos vemos frente a frente com novidades que sequer podíamos imaginar, e-mail, home pages, QIC e outras tantas mais, precisamos nos lembrar dos nossos próprios recursos que devem ser continuamente aprimorados.

Evidentemente não somos contra a tecnologia, muito ao contrário, estamos sempre correndo atrás de lançamentos, softwares, hardwares e tudo o mais que possa facilitar nossa vida.

As duas histórias aqui contadas nos mostram que a tecnologia, sem um bom operador, nada vale e que o ouvido humano ainda é a melhor das ferramentas para o radiotelegrafista.

Arrectis auribus.

de PY2YP – Cesar

Fevereiro de 1998

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 135
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Ouvindo o silêncio

“A fé é a crença ilógica em fatos improváveis”, dizia o velho sábio ao discorrer sobre os insondáveis mistérios da fé.

Papah Yankee estava lá na varanda do seu sítio em Maracutaia da Serra a explicar para os novíços sobre as dificuldades em trabalhar os poucos países que lhe faltava, quando um PU perguntou preocupado: “E se o cluster* ficar fora do ar durante a expedição? Como fazer para saber onde eles estão?”

“Lembro-me de uma expedição a Bouvet”, começou Papah Yankee, eu estava com uma estação modesta, o linear em reparos e a direcional com um elemento quebrado pelo vento”. “Bouvet” – explicava – “é um desses países que aparecem no ar a cada 10 ou 15 anos, do quilate de Heard”.

A expedição havia sido anunciada inesperadamente e não haveria tempo de preparar a estação, no máximo, esticar um dipolinho para 20 metros e tentar a sorte. Ele havia recebido um telefonema de um colega que havia escutado um QSO do grupo operando móvel marítimo, já próximo a ilha. “Fique atento, a expedição deve começar a qualquer momento”, concluíra o amigo.

O país seria novo em CW e não poderia ser perdido. Seria preciso trabalhá-lo antes dos outros, antes do pile-up ficar grosso, porque não haveria outra chance com uma estação pequena.

“Com o fluxo solar alto, os americanos iriam chegar forte com suas enormes monobandas empurra-

das pelos kilowatts e nos atropelariam ser qualquer dificuldade”, explicava Papah Yankee para os novíços. Imaginou-se, então, no lugar dos expedicionários: “Como iriam eles iniciar a operação? Em que banda? Qual a melhor hora? Qual a frequência?” Depois de muito pensar, ele decidiu: “14025 a partir das 17:00 local, o que significaria uma abertura deles para a Europa. Sem dúvida os noruegueses iriam privilegiá-la, e a essa hora, seriam boas as condições para o Brasil, além do que, a propagação não estaria completamente aberta para os USA, o que aumentariam as chances.

No dia seguinte, dia previsto para o início da operação, ele sentara-se defronte ao velho equipamento, sentira o cheiro das válvulas aquecendo-se, ajeitara os fones e pusera-se a escutar. Nada. Apenas ruído, aquele desagradável ruído de total ausência de sinal, nem um LU chamando CQ, nada. Ele ficou lá durante duas horas ouvindo o silêncio quando um norueguês bateu: “??? de LA6VM LA6VM QRL??” Papah Yankee sentiu o coração acelerar, a boca subitamente ficou seca: “É ele, o manager da operação!”. Nenhuma resposta. Silêncio absoluto. Era possível escutar o mundo corujando a frequência. Estavam todos lá, podia-se sentir isso. Mais alguns minutos e novamente: “???” agora sem qualquer outra indicação mas o sinal tinha o mesmo timbre do LA6VM. Só podia ser o norueguês chamando pelos expedicionários, não podia ser outra coisa. Papah Yankee ajeitou-se na cadeira, e transmitiu: “DE ? PSE GA”. O sinal respondeu: “PSE QRX”. “É aqui que eles vão começar em instantes, tenho a mais absoluta certeza”, concluiu ele. Ato contínuo ele escutou um sinal quase meio quilociclo abaixo: “LA6VM DE 3Y5X KN”. Estava aberta a expedição. Após o QSO Papah Yankee dera uma chamada e estava no log, havia sido o segundo QSO da operação. Mais um pouco e estava formado um gigantesco pile-up. O mundo acabara de desabar.

O advento do cluster, da internet, não podem de forma alguma eliminar o velho hábito de corujar, de manter-se informado e, sobretudo, de raciocinar.

Afinal, se ninguém corujar, quem vai ser o primeiro a trabalhar e enviar o spot?

Arrectis auribus.

de PY2YP – Cesar

* Cluster: rede de computadores ligados entre si em VHF com uma estação central conectada na Internet.

Abril de 1998

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 137
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

PSE QRX

Papah Yankee estava lá na varanda do seu sítio em Maracutaia da Serra pensando como seria a propagação durante o ciclo 23, quando avistou lá embaixo um carro subindo a colina. – Vamos ter visita, observou ele.

Num instante estavam todos lá falando sobre antenas, pile-up, dicas de operação, quando um PU comentou estar com sérias dificuldades para trabalhar uma estação do Pacífico:

– O sinal dele é forte mas o pile-up não diminui e isso está me impedindo de trabalhá-lo, disse ele.

Um PY recém promovido a classe A, disse com um certo ar de superioridade: “Você precisa colocar 1 kilowatt e uma monobanda, assim você vai conseguir”. O noviço replicou: – Como? Não tenho dinheiro para isso, tudo o que tenho são 100 watts e uma tribandinha, continuou ele.

Papah Yankee então disse, do alto dos seus anos de pile-up: – Mais do que suficiente. Todos ao redor olharam para ele surpreso, e ele então começou a narrar:

Clipperton, iniciou ele, estava em primeiro lugar na lista dos países mais procurados, quando, após mais de 20 anos de espera, finalmente, em 1978, foi anunciada uma grande operação liderada por um grupo francês.

Os big-guns exultavam, vamos chegar ao Top Honor Roll, alegavam-se. A excitação era geral.

Enfim o grande dia chegara, o pile-up era monstruoso, algo nunca visto. Em fonia, a estação

FO0XC estava estacionada em 14180 ouvindo de 14200 a 14250 e o pile-up era ensurdecedor. Em CW a confusão não era menor, parecia que o mundo estava alucinado.

Clipperton fica no Oceano Pacífico e razoavelmente próximo da Califórnia, o que significava que os W6 poderiam colocar sinais tão fortes a ponto de queimarem as antenas da DX-pedition ou mesmo danificar os receptores!

O quadro, para os brasileiros sem grandes antenas, era trágico, alguns chegaram a pensar em rasgar os pulsos e desistir do DXCC, os dias estavam passando e não havia como trabalhá-los, a agonia havia substituído a excitação inicial.

J. QRP, estava tentando trabalhar e obviamente, a exemplo de muitos, não estava conseguindo. Ele chamava alucinadamente, atirando seus miseráveis 5 watts para todo lado, parecia estar ensandecido, sua tribandinha não melhorava muito a situação. Como furar o bloqueio americano com uma estação dessas? Uma noite, ao final de umas boas horas, ele resolveu parar um pouco, lavar o rosto para se recuperar quando, subitamente teve uma idéia: Vou corujar! Em algum momento eles vão ter de trocar de operador e eu vou chamar na frequência da última estação trabalhada, raciocinou ele.

Voltou ao rádio, e começou a ouvir, ele usava um velho HQ-129 na recepção e um TX caseiro com 5 watts. O batedor era um daqueles pesados utilizados na estradas de ferro, presente de um tio que se aposentara como telegrafista da São Paulo Railway. J. QRP ficou durante um bom tempo corujando cada QSO até que finalmente o operador bateu: PSE QRX 4 PEE HI.

O silêncio tomou conta da faixa, parecia que todos haviam resolvido fazer a mesma coisa. J. QRP colocou o transmissor em 21053 exatamente onde um japonês tinha acabado de transmitir e pôs-se a aguardar. Após alguns minutos o alto falante do HQ-129 deu sinal de vida, alguém havia batido um sinal de interrogação e imediatamente J. QRP transmitiu: FO0XA DE PY2QRP PY2QRP. Não houve resposta, ele então bateu de novo: FO0XA DE PY2QRP PY2QRP e ouviu: PY2QRP DE FO0XA 539 539 BK. Ele prendeu o fôlego e bateu: R TNX FER QSO UR 599 73 DE PY2QRP BK. Finalmente após incontáveis horas J. QRP estava no log.

Arrectis auribus

de PY2YP – Cesar

Maio de 1998

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 138
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Acredite sempre

Papah Yankee estava lá na varanda do seu sítio em Maracutaia da Serra recordando suas caçadas, quando um CQ transmitido pela buzina de um carro chamou sua atenção, eram os piuás chegando para mais uma visita.

A algazarra tomou conta, um dos noviços estava tomado de grande excitação, ele havia sido contestado na noite anterior por uma expedição científica em South Sandwich e estava contando como o QSO acontecera, quando um PY disse com aquele ar de sabedoria própria dos iniciados: Nem perca tempo mandando o QSL, não há qualquer notícia sobre atividade naquela ilha. Você trabalhou um pirata, zombou ele.

Papah Yankee então disse: Um DXer deve ser antes de tudo um crédulo, deve acreditar em cada QSO, trabalhe antes e se aborreça depois. Algumas vezes funciona.

Lembro-me, começou ele, que após a expedição a Clipperton o Iraq passou para o primeiro lugar na lista dos mais procurados.

O governo do Iraq, a exemplo da China e de vários outros países, havia proibido qualquer atividade radioamadorística há muitos anos e apenas os veteranos tinham um QSL daquele país.

Um sueco que trabalhava para o Ministério das Relações Exteriores havia sido mandado para o Iraq e conseguido, não se sabe como, fazer uma operação a título de demonstração. Ele havia feito apenas 16 QSOs em fonia com um guarda armado apontando-lhe uma metralhadora.

Essa pequena demonstração acabou surtindo efeito e o governo do Iraq permitiu a instalação de uma

estação na Universidade de Bagdah. Naquele tempo, os boletins demoravam muito a chegar e a atividade dessa estação foi pouco noticiada.

Num sábado de manhã eu estava corujando 15 metros, continuou Papah Yankee, e como sempre eu estava prestando atenção nos sinais fracos, sinais fracos sempre trazem emoções fortes, ensinava ele.

Assim, continuou, eu iniciava a coruja em 21.000,0 e ia subindo lentamente até 21.060,0 anotando os sinais numa folha e verificando a propagação, isso sempre trazia bons resultados.

Nesse dia, escutei a famosa estação saudita HZ1AB, como sempre com bom sinal, o que indicava uma abertura para o Oriente Médio. Mais acima um russo chamando geral, com o característico piado, fui subindo, quando escutei um conhecido DXer alemão em QSO.

Resolvi parar e ver quem ele estava trabalhando, quando ele passou o câmbio ele bateu apenas: 73 ES TKS DE DJ4PI. Ele havia omitido o indicativo da estação de DX propositadamente! A resposta do DX veio, com um sinal fraco e misturado no QRM: QSL DR EMIL TNX FER QSO ES 73 SK DE Y?1BGD. Justamente na passagem do indicativo veio o QRN e cobriu a segunda letra do prefixo.

Papah Yankee imaginou que pudesse ser YS1BGD pois tivera sensação de ter ouvido uns pontinhos. Esperou um pouco antes de virar a antena para a América Central e ficou prestando atenção na frequência quando o DX começou a transmitir: QRZ DX DE YI1BGD. Não é possível, raciocinou ele, o Iraq está QRT há mais de 20 anos, só pode ser um miserável pirata fazendo suas gracinhas, mas... Ele então resolveu transmitir QRL Y?1BGD QRL? A estação respondeu YI1BGD QRV. Papah Yankee passou a reportagem e ouviu: UR RST 539 HR OP IS MAJID QTH BAGDAH RIG IS ATLAS 210X UR MY FIRST PY PSE QSL VIA BOX 560 BAGDAH TKS FB QSO 73 DE YI1BGD SK.

Papah Yankee mandou o QSL para o endereço solicitado sem green stamp ou IRC, não mandou sequer o SAE, a estação não existia mesmo!

Algumas semanas depois o carteiro trouxe uma carta com um selo do Iraq e dentro o QSL. Papah Yankee não acreditou no que estava vendo: Iraq confirmado!

Arrectis auribus.

de PY2YP – Cesar

Junho de 1998

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 139
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Aprendendo com os erros

"O sucesso é traiçoeiro; induz os homens a pensarem que são infalíveis."

Papah Yankee estava lá na varanda do seu sítio em Maracutaia da Serra contemplando as silentes montanhas ao longe. Talvez estivesse se lembrando de algum QSO, daqueles que ainda mandavam a reportagem correta e não o detestável 5NN.

Estava tão absorto com seus pensamentos que quase não ouviu um PY comentar seu aborrecimento por ter perdido uma expedição: "Quando o sinal estava realmente começando a ficar forte a estação transmitiu: TNX 2 ALL NW WE WILL CL 73 DE 5U7SI TU. Não pude fazer nada concluiu ele visivelmente desapontado. Fiquei ouvindo o pile-up ir diminuindo até desaparecer."

Papah Yankee então saiu do transe e falou: o venerável Old Timer W9KNI disse: "Most of the time we all are a looser". O que significa: nas mais das vezes somos perdedores.

Quando, em maio de 1979, finalmente saiu a tão esperada expedição para Abu Ail Jabal-At Air, começou Papah Yankee, todos ficamos felizes, finalmente o PY2CK, Jaime Freixo, iria voltar a ser número 1 no DXCC e iria encostar novamente no W6AM na disputa pelo topo.

Para os demais, Abu Ail era apenas mais um país, dos graúdos, é verdade, mas ainda assim não tinha o significado que tinha para o veterano PY2CK.

Desta forma, continuou Papah Yankee, agora com a voz amarga da derrota, não dei ao país a importância devida, imaginei que poderia esperar uns 2

ou 3 dias para o pile-up diminuir e então trabalhá-lo sem grande esforço.

Quando começou a operação, a estação J20BS/A estava em 21025 e pile-up estava monstruoso, parecia uivar, os europeus com sua localização privilegiada estavam fazendo a festa.

Ao final do primeiro dia chegara a notícia, o velho Jaime conseguiu trabalhá-los em 20 metros fonia. Um europeu, que tinha grande admiração pelo PY2CK avisou o operador da sua presença. Este então parou o pile-up e disse: Please PY2 Charlie Kilo call me on my frequency, e fizeram o QSO.

Nessa expedição, continuou Papah Yankee, eu estava operando com uma cúbica de quadro monobanda para 15 metros e 1 kilowatt e achava que não haveria como perder o país, assim, não me incomodei muito e continuei trabalhando outras estações ao invés de me dedicar em tempo integral à expedição.

No final do terceiro dia, veio a notícia: há uma grande possibilidade da expedição encurtar a permanência, correm rumores de que um barco patrulha do Yemen havia mandado um sinal de alerta para os operadores.

O desespero tomou conta do pile-up e a fúria redobrou. Até mesmo os que já haviam trabalhado começaram a chamar novamente, para um QSO de segurança ou, para uma outra banda. Eu então, retomou Papah Yankee, resolvi concentrar os esforços em 15 metros CW e passei a chamar alucinadamente, chamei durante 15 horas seguidas, com 1 kilowatt e uma cúbica, e nada! Não consegui ser ouvido, os europeus, americanos e os japoneses simplesmente bloquearam a banda, não houve jeito. Fiquei até o operador bater: SRI WE MUST QRT NW 73 DE J20BS/A CL. Estava perdida uma operação que nunca saberíamos quando poderia acontecer novamente.

A ilha Abu Ail está localizada no golfo pérsico, numa área politicamente conturbada e tem vital importância para o controle da navegação no golfo, o que dá a ela uma posição altamente estratégica, dificultando muito a obtenção da licença para operação. Só fui conseguir um QSO muitos anos depois, por sorte antes dela se tornar deleted, finalizou Papah Yankee com a voz grave pela perda.

Aprendemos mais com as derrotas do que com as vitórias. Desse dia em diante sempre tentei trabalhar as expedições logo nos primeiros dias, concluiu ele. Nunca se sabe...

Arrectis auribus.

de PY2YP Cesar

Novembro de 1998

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 144
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Um pouco de fonia

*“O diabo sabe tudo por-
que é velho e não por ser
o diabo.”*

Jota QRP estava ouvindo atentamente um PY contar um fato classificado como estranho, para dizer o menos. Ele estava corujando uma operação quando um conhecido veterano parou subitamente de chamar. Até aí nada de mais, provavelmente ele havia desistido, concluiu o PY.

O curioso, continuou, é que depois de uns 20 minutos o veterano voltou a chamar, desta vez completamente fora do pile-up: 8Q7AA 8Q7AA DE PY2QRO PY2QRO. Isso não estava normal, será que ele havia ficado louco? Indagara o PY. Eu parei de chamar e comentei no VHF: “Esses velhos só estão no Honor Roll porque tem hora de pile-up! São uns pernas-de-pau. Onde já se viu chamar o DX dessa forma! Completamente fora da frequência, será que ele não sabe o que é split?”

O diabo, disse o PY desconsoladamente, é que o 8Q7AA parou o pile-up e foi atendê-lo na frequência dele. Parecia estar combinado! Eu, narra-va o PY, chamei imediatamente mas não fui atendido, ele fez apenas um QSO naquela condição e voltou para sua frequência e passou a atender o pile-up em split. E eu acabei não fazendo a zona 26 finalizou o desconsolado PY.

Papah Yankee olhou para Jota QRP e este imediatamente ficou vermelho, sabia que a conversa iria

para cima dele. Já estou me acostumando pensou Jota consigo mesmo.

Papah Yankee disse então: essa eu aprendi com o Jota. Uma ocasião, começou ele, estávamos tentando trabalhar uma estação de Glorioso e o pile-up estava difícil, a propagação para aquela região abre durante pouco tempo e temos que disputar com os europeus que se valem da famosa propagação Norte-Sul que oferece sinais fortíssimos. Além do que, continuou ele, Glorioso faz parte do terrível grupo francês no Índico, seguramente o agrupamento de ilhas mais difícil do DXCC: Tromelin, Amsterdam, Crozet, Kerguelen, Juan de Nova e Glorioso, além de outras.

Eu havia acabado de trabalhar a estação FR0DZ/G em 21.295 onde o pile-up já diminuía, e estava corujando para tentar obter alguma informação, de como trabalhá-lo em CW - continuou Papah Yankee, quando ouvi: Piuái-tu-Quiu-Are-Pi, Piu-ái-tu-Quiu-Are-Pi” em chamadas curtas e precisas, como operam os cobrões de QRP. Mas que diabos, exclamei, o que o Jota anda fazendo aqui em fonia? Eu nem imaginava que ele soubesse falar!

O operador, um conhecido DXer, veterano de longos pile-ups voltou: “Hello Jay you are 55 over”. Jota QRP devolveu a reportagem e falou: “Hello Werner, por favor peça para o operador de CW em 20 metros atender as estações QRP a cada quarto de hora 10 kHz abaixo da frequência de transmissão, ou seja, em 14015 transceiver”. O operador voltou: “Não se preocupe eu vou falar com ele, mas talvez seja eu mesmo quem vá operar CW no próximo turno que começará em 40 minutos. Vou ouvir 10 abaixo a cada quarto de hora. 73 Jay” e continuou a operação.

Filho de um dipolo! Exclamei. É assim que o miserável consegue suas figurinhas! Eu que ainda não havia conseguido um QSO em CW, fiquei atento ao combinado, talvez estivesse ali a oportunidade de escrever no log de CW o famigerado e terrível Glorioso.

Não deu outra, no terceiro quarto de hora, a estação bateu: PY2QRP DE FR0DZ/G UR 569 569 BK. Eu chamei em seguida com a potência reduzida para cerca de 100 watts, meu conceito de QRP, e recebi a reportagem: 589. Pelo menos eu havia conseguido entrar no log concluiu Papah Yankee.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Janeiro de 1999

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 146
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Ouvindo música?

*“Doido é aquele que perdeu
tudo, menos a razão.”*

O veterano DXer estava ouvindo uma sinfonia e não se dignou sequer a abrir os olhos quando as suas costumeiras visitas chegaram, tudo o que fez foi acenar ao ruidoso grupo indicando para que fizesse silêncio e se acomodasse.

Todos obedeceram e ficaram a ouvir a música de Beethoven. Permaneceram no mais profundo silêncio até o último acorde quando então Papah Yankee abriu os olhos e cumprimentou-os. Jota QRP então perguntou: “Que obra é essa?”

“A sinfonia número 5 de Beethoven”, respondeu ele, “achei que estava precisando melhorar minha capacidade de recepção em 80 metros e resolvi treinar um pouco. Na verdade”, continuou o veterano DXer, “não estava ouvindo a música em seu todo, estava mesmo treinando QRM e pile-up.”

Os PYs e PUs ali presentes entreolharam-se e passaram a duvidar da sanidade mental do velho mestre. Um PY, recém saído da pobre condição de PU, pensou: “Espero não ficar decrépito assim!”. Mas nada disse, apenas observou. Um outro, mais velhaco, perguntou, cuidando para que a entonação de voz não o traísse: “E como é treinar recepção em QRM ouvindo música?”

Papah Yankee fitou-o nos olhos, à procura de algum sinal de ironia, dirigiu-se ao aparelho de som, comandou o início da sinfonia, pegou na estante a partitura da obra e passou a explicar:

“Todos aqui, conseguem distinguir entre o timbre de um oboé e de uma clarineta? Ou a diferença entre a tessitura da viola e do violino? Quando eu sinalizar com a mão esquerda vocês ouvirão um oboé, quando eu sinalizar com a direita, uma clarineta.” Alguns, os melhores telegrafistas, rapidamente perceberam a sutil diferença, outros pediram para repetir e ficaram todos atentos aos sinais de Papah Yankee que ia levantando ora um braço ora outro e, às vezes, os dois. Fez o mesmo com a viola e o violino, mesmo os melhores ouvidos tiveram dificuldade de encontrar a sutil diferença, mas depois de identificada, e após algum treino, constataram que os diferentes timbres e tessituras é que dão colorido à música sinfônica, como num pile-up onde alguns russos, operam com equipamentos que produzem sons com timbre próximo ao de um fagote ou de um tuba que parece ter deficiência no filtro de 60 Hz da alimentação.

“Para treinar recepção em pile-up, ou quando a banda está muito congestionada, continuou ele, o segredo é fixar a atenção em apenas um sinal, memorizar o seu timbre e ‘apagar’ os outros sinais. A forma mais agradável de treinar essa situação é, sem dúvida, substituir o ruído da faixa por música. Algumas vezes, ouço uma sinfonia inteira, copiando apenas os violinos, chego mesmo a esquecer que há toda uma orquestra congestionando a ‘banda’. Acho muito divertido”, finalizou o velho.

“E para treinar QRQ, existe algum tipo de música em especial?” Perguntou um PY, visivelmente entusiasmado. “Sim”, respondeu Papah Yankee, “vamos ouvir o último movimento da sonata em lá maior de Mozart, K-331, mais conhecido como Marcha Turca. Nesse movimento, allegretto, são utilizadas semicolcheias e fusas”, continuou ele, “a velocidade dessas notas ajuda a desenvolver a capacidade de acompanhar a melodia em alta velocidade, algo como se ‘acordasse o cérebro’, dessembotando-o. Mozart”, prosseguiu, “se tivesse nascido neste século, seria um grande telegrafista sem dúvida alguma, a sua música desenvolve o lado esquerdo do cérebro, por onde entra a telegrafia”, concluiu Papah Yankee.

Um PU que relutava em aprender CW abanou a cabeça pensando: “O velho ficou louco, definitivamente.”

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Abril de 1999

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 149
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

O exercício da cidadania

“Devemos ter coragem de mudar as coisas que podem mudar; serenidade para aceitar as que não podemos mudar e sabedoria para distinguir as duas situações” (Rudyard Kipling)

O governo (deliberadamente escrito em minúsculas) Collor foi o responsável pelo mais formidável desmonte administrativo de toda a história universal recente.

Pior, fez por terra valores morais arduamente estabelecidos. Fê-lo, ao permitir a impunidade, ao desonrar os servidores públicos, ao achincalhar a sociedade.

A entrevista Sr. Reginaldo J. C. Lemos, Assessor do Gerente do Escritório Regional ANATEL em SP mostra claramente a situação de penúria pela qual passou o defunto Dentel.

Os mais antigos, sobretudo os foneiros, ao encerrarem suas atividades despendiam-se com a frase: “... cumprimentando a digníssima escuta oficial e desejando uma boa noite a todos despeço-me com um SALVE A LABRE”. Isso virou coisa do passado, motivo de galhofa, a escuta oficial não existe mais.

A fiscalização não existe mais, o respeito a ordem estabelecida não existe mais. Foi substituído pela arrogância dos clandestinos em 7, 24 e 28 MHz, pela impunidade, pelo desaparecimento das atividades intrínsecas ao governo.

Disse ainda o Sr. Lemos - “É importante frisar que a

parte de clandestinidade está muito mais afeta a Polícia Federal do que ao MINICON ou a própria ANATEL. Atuamos na fiscalização, mas a o inquérito policial e apreensão de equipamento é de incumbência da Polícia Federal.” (sic). Entendemos que o trabalho deve ser feito em conjunto com a autoridade policial, para que possa embasar o posterior e necessário processo judicial. Ocorre que a Polícia Federal não pode, por força de seu regimento, passar a fazer a escuta oficial, isto cabe a Anatel. Esta não faz por falta de recursos, aquela não apreende por que não fiscaliza e assim vai...

O que distingue um país de primeiro mundo de um subdesenvolvido é a absoluta ausência de cidadania deste último. Nestes, apontar alguém que praticou um ato falho às autoridades constitui-se em falta grave. Às mais das vezes considerado até um ato de covardia. Dedão! Dedo duro! Calabar! Bradam as vivandeiras de plantão.

O paradigma de cidadão no Japão é um kamikasi que não hesita em derramar o próprio sangue em benefício da pátria, ao passo que no Brasil o exemplo de cidadão é o Gérson (cérrrto?).

Antes de culparmos os governos, os políticos, o judiciário culpemo-nos todos. Por acaso você, leitor, já escreveu uma cartinha para o seu vereador, deputado ou senador, reclamando das suas atuações? Lembrando-os de que na próxima eleição não contarão mais com seu voto? Por acaso você já tentou fazer algo para melhorar, reclamando, cobrando, explicando a eles que é você quem paga os seus salários?

Ora, se as autoridades não são cobradas, elas tem todo o direito de imaginar que são competentes, que os problemas não existem. Não há qualquer motivo para aprimorar suas ações. Ao que consta está tudo bem, raciocinam elas.

Quer sentir-se cidadão? Exerça a cidadania, cobre das autoridades a tarefa que lhes compete, escreva, telefone, faça algo. Citando um político, que por graça divina esqueci o nome, disse-me certa feita: “em política vale tudo, só não pode perder a eleição, se for preciso eu até trabalho”. Estas palavras, transbordante do mais deslavado cinismo, nos ensina que vale a pena reclamar

Se não resolver pelo menos você sentir-se-á melhor. Tornemo-nos todos cidadãos. Vale a pena.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Agosto de 1999

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 153
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

O mata-cachorro

*Preocupe-se com o futuro; é
onde passarás o resto da vida.*

No interior, antes do surgimento da televisão, a chegada de um circo à cidade era motivo de grande alegria para todos nós. Nem bem chegava e já desfilavam pelas ruas da cidade com seus bailarinos, palhaços, malabaristas, banda de música e, é claro, os bichos: elefante, zebra e o mais esperado de todos, o leão.

A armação da lona sempre foi um espetáculo à parte. Eles sempre escolhiam um terreno plano, razoavelmente limpo, que era, é claro, usado pela molecada como campo de futebol. Ficávamos todos sem o futebol, mas ninguém se importava, afinal a presença do circo compensava.

O pessoal do circo, poucos dias antes da sua chegada, começava a anunciar na rádio local que estava contratando homens para ajudarem na montagem do “grande circo” como eles se auto denominavam, não importando fosse ele pequeno ou grande, era sempre o “grande circo” que sempre oferecia o “maior espetáculo da terra”. E nós sempre achávamos que era, não fazia mal se o trapezista usava rede, ou se a lona era furada. De qualquer modo, o que importava era o circo e nada mais.

Ajudávamos todos na montagem: o elefante puxando as cordas para levantar o mastro central, os homens esticando a lona, e nós, a molecada, colaborávamos dando palpite. Ficávamos todos muito cansados de torcer e passar o dia no sol. Valia a pena, afinal estávamos todos “ajudando” na mon-

tagem do circo!

Dos empregados contratados em cada cidade para esse trabalho, o mais barato, o menos qualificado, era contratado para todo o período em que o circo permanecia na cidade, inclusive para o desmonte. Nesse meio tempo, esse peão, como se diz no interior, ficava com a incumbência de matar os cachorros!

A cachorrada sempre foi uma enorme dor de cabeça para o domador do circo, pois, como se sabe, o leão exala um odor muito forte e os cachorros da vizinhança vão até o circo para latir contra o enjaulado bicho. A barulheira provocada pelos cachorros impedia o pobre coitado de dormir e o domador não se animava a dar o espetáculo com um leão mal humorado!

Para evitar um acidente de grandes proporções, ver a cabeça do domador sendo engolida pelo rei dos animais durante a função (nome que se dava ao espetáculo circense), a direção do circo mantinha ocupado o desqualificado peão.

Assim, ficou cunhada a expressão “mata-cachorro” para designar o mais desqualificado dos peões.

A recente greve dos caminhoneiros que assolou o país, colocou à mostra que estamos todos à mercê de mata-cachorros, acho que é assim o plural, em todos os níveis. Do jornalista que confunde radio-amador com faixa do cidadão, do Ministro que jura que sabia da greve, mas foi de férias para a Disney assim mesmo, dos líderes sindicais que confessaram sua estupefação ante a força dos liderados sem líder, da sociedade que se flagrou impotente, e até do Sr. Presidente, que suspendeu a obediência à lei de pesagem dos caminhões, por dois meses, como se nesse período o patrimônio do povo não fosse estragado pelo excesso de peso!

Ficamos todos indignados com o jornalista que confundiu os radio-amadores com operadores de rádio da faixa do cidadão que operam sem licença, clandestinos portanto. Estamos todos mandando e-mail, fax e outros recados para a direção do jornal contra o jornalista mata-cachorro.

Devemos não só alertar o jornal, devemos alertar, através das nossas entidades de classe, a invasão dos mata-cachorros (PX) nas nossas faixas. Devemos cobrar dos nossos governantes uma enérgica e constante atuação contra os invasores, para que não nos tornemos, por omissão, nós próprios mata-cachorros.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Setembro de 1999

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 154
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Ai que saudades!

*Ai que saudades que eu tenho da minha
infância querida, da aurora da minha
vida que os anos não trazem mais.
(Casemiro de Abreu).*

Vez por outra os veteranos DXers reuniam-se na varanda do QTH do Papah Yankee, lá em Maracutaia da Serra, e ficavam horas a fio discutindo ou relembrando os bons tempos de outrora.

Antigamente, diziam, era tudo melhor; a propagação abria mais, as bandas não eram apinhadas de clandestinos, os mata-cachorros não saiam da sua própria faixa, as pessoas eram mais educadas, pagavam QSL com mais pontualidade... Enfim, era tudo melhor. Era tudo tão melhor que chegavam a ter pena dos novatos que, coitados, nunca viveriam os anos dourados.

Papah Yankee deu uma baforada no seu cachimbo e, sem perder o ar taciturno, deu uma tossidinha para então começar a falar. Neste momento, um veterano novato, recém ingressado na terceira idade dos DXers, pensou consigo mesmo: “Por que será que todo mundo que fuma cachimbo tem um ar taciturno? Será alguma coisa ligada ao fumo que os mantém assim?”. Mais não disse, ou melhor, não pensou: ficou com receio de que Papah Yankee tivesse instalado seu novo equipamento DESP (Device for Extra Sensorial Perception), muito usado por certos operadores de 160 metros. Papah Yankee disse então: “Os bons tempos são aqueles que estamos vivendo, não importando a época em que isso se dê. Cada época”, continuou, “tem sua característica, sua tecnologia, suas dificuldades e suas facilidades.”

“Há alguns anos”, prosseguiu, “os veteranos se queixavam que as coisas estavam ficando injustas porque os novatos estavam usando os então ultra-modernos transceivers, com SSB, tripla conversão e outras novidades. Quero ver vocês fazerem DX com o transmissor em frequência fixa, chamar geral e correr a faixa toda com o receptor, ou num pile-up, ficar esperando o DX colocar o receptor na sua frequência. Isto sim é que era DX, diziam.” Numa outra fase, os veteranos resmungavam que agora sim as coisas estavam mais fáceis: a transmissão com o manipulador eletrônico ficava uma barbada. Diziam: “quero ver vocês transmitirem por horas a fio com o cabeçote.” Isto sim é que era telegrafia, diziam.”

“Mais recentemente”, prosseguiu Papah Yankee, “os veteranos passaram a dizer: “Gostaria de ver vocês operarem um concurso sem computador, como nos velhos tempos, usando a famosa folha de check-dupes ao lado do livro de registro para evitar QSOs duplicados.” (N.E.: era uma folha com 26 retângulos onde cada um recebia uma letra do alfabeto e escrevia-se no retângulo correspondente à primeira letra do sufixo, o indicativo da estação trabalhada, além da folha de log).

“Atualmente, achamos inadmissível trabalhar uma expedição que não disponha de check-log na Internet. Da mesma forma, não conseguimos imaginar um DXer que não receba os boletins de DX no seu correio eletrônico, ou não podemos abrir mão das informações de managers, equipamentos, antenas e outras tantas preciosidades disponíveis ao simples click do mouse.”

“Ou”, prosseguiu Papah Yankee, “a rede mundial de informações on-line, em tempo real como se diz, mostrando quem está operando e em que frequência. Os atuais veteranos dizem que o prazer da caçada se foi, que o DX era muito mais emocionante, sem auxílio do cluster.”

“A grande vantagem da nossa época, a que estamos vivendo, é que é possível reproduzir, em termos tecnológicos, as condições de operação havidas no passado, mas nunca será possível prever ou antecipar a tecnologia do futuro. Assim, a melhor época é a que vivemos, pela simples razão que estamos dela participando. Não há, portanto, qualquer motivo para achar que as gerações passadas foram mais felizes ou mais sábias.”

“Só não consigo imaginar o mundo sem telegrafia...”, finalizou Papah Yankee, com uma ponta de tristeza e já antevendo um futuro trágico.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Novembro de 1999

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 156
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

A maneira de dizer as coisas

Uma sábia e conhecida lenda árabe diz que, certa feita, um sultão sonhou que havia perdido todos os dentes. Logo que despertou, mandou chamar um adivinho para que interpretasse seu sonho.

– Que desgraça, senhor! exclamou o adivinho. Cada dente caído representa a perda de um parente de vossa majestade.

– Mas que insolente – gritou o sultão, enfurecido. Como te atreves a dizer-me semelhante coisa? Fora daqui! Chamou os guardas e ordenou que lhe dessem cem açoites.

Mandou que trouxessem outro adivinho e lhe contou sobre o sonho. Este, após ouvir o sultão com atenção, disse-lhe:

– Excelso senhor! Grande felicidade vos está reservada. O sonho significa que haveis de sobreviver a todos os vossos parentes.

A fisionomia do sultão iluminou-se num sorriso, e ele mandou dar cem moedas de ouro ao segundo adivinho. E quando este saía do palácio, um dos cortesãos lhe disse admirado:

– Não é possível! A interpretação que fizestes foi a mesma que seu colega havia feito. Não entendo porque ao primeiro ele pagou com cem açoites e a vós com cem moedas de ouro.

– Lembra-te meu amigo – respondeu o adivinho – que tudo depende da maneira de dizer...

Um dos grandes desafios da humanidade é aprender a arte de se comunicar. Da comunicação depende, muitas vezes, a felicidade ou a desgraça, a paz ou a guerra. Que a verdade deve ser dita em qualquer situação, não resta dúvida. Mas a forma

como ela é comunicada é que tem provocado, em alguns casos, grandes problemas. A verdade pode ser comparada a uma pedra preciosa: se a lançarmos no rosto de alguém pode ferir, provocando dor e revolta. Mas se a envolvermos em delicada embalagem e a oferecermos com ternura, certamente será aceita com facilidade.

A linguagem telegráfica é um tanto quanto pobre para transmitir emoções, pois infelizmente, ou talvez felizmente, timbre e tônica não se alteram durante a transmissão. Tudo o que conseguimos é transmitir pontos e traços, friamente, sem entonações que possam demonstrar o estado de espírito do operador.

Como se isso não bastasse, a telegrafia ainda pratica o exercício da abreviação, não se diz “saudações”, diz-se “sds”, ou substituímos “um abraço” por um mísero “73”. Assim, sem emoções e com muita brevidade vamos transmitindo nossos pensamentos, nossas idéias, algumas vezes chegamos até mesmo a rir, hi... hi!!!

Entre nós, não há qualquer dificuldade em nos fazermos entender, sabemos o que significam os códigos e as abreviaturas. O diabo é quando somos obrigados a espantar os malditos clandestinos das faixas de 10, 12 e 40 metros. Não somos compreendidos: eles nos escutam, sabem que estão errados e começam a bradar os seus chulos verbetes, dignos das horrendas criaturas que lhes deu, desavisadamente, às luzes.

Temos ainda muita dificuldade para fazer chegar os nossos reclamos aos dirigentes dos órgãos fiscalizadores das comunicações. Recebemos um tratamento ainda mais frio que os nossos pontos e traços. Somos pura e simplesmente ignorados.

Nossos dirigentes acovardam-se ante a necessidade de tomar posição, de assumir com coragem a dimensão do cargo, antes, preferem utilizar o velho e carcomido jargão: “é preciso ter jogo de cintura”. E assim, de desculpa em desculpa, utilizando-se de expressões pré-fabricadas, vão se escondendo de si próprios, da covardia que o poder lhes trouxe.

Talvez, seguindo o exemplo da sabedoria árabe, ao invés de dizermos que os nossos dirigentes são pequenos para os cargos, devêssemos dizer:

– Excelsos senhores! Vossas fecundas administrações farão com que a sociedade lhes assegure um futuro de profunda e anônima quietude.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Fevereiro de 2000

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 159
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

O louco da ilha

*Nós damos sempre facilmente aquilo
que não exigem de nós e que nada
nos obrigava a dar. (Gontcharov)*

Subitamente surge nos principais boletins de DX que a ilha de Macquarie está novamente ativa. Quem opera é um louco, dizem. Ele opera alguns minutos, (fica irritado e desliga), e estabeleceu um rígido sistema de horário. Que ninguém ouse chamá-lo fora da agenda: ele o coloca numa lista negra e diz que um enorme pinguim, Kevin, o eliminará para sempre, diz até que o pinguim é mais conhecido como Pinguinator, numa alusão ao Exterminator, conhecido personagem do cinema de ficção.

Sem qualquer razão aparente ele diz que a estação VK0LD, que estava prevista para operar até novembro de 2000, entrará em QRT no último dia do ano de 1999. Algumas poucas estações brasileiras conseguiram trabalhá-lo, a maioria do nordeste do Brasil que teve propagação no dia em que ele dedicou sua operação para a América do Sul. Agora já não há mais dúvida, é louco mesmo. Irritou-se irremediavelmente e não operará mais, dizem uns; achou coisa melhor para fazer do que ficar no rádio, dizem outros.

Sem qualquer aviso prévio, Alan Cheshire começa a operar no primeiro dia do ano, como VK0MM (Macquarie Millenium). Será mesmo louco ou está expondo seus talentos de diretor de suspense? Ou seria drama? Os contatos sucedem-se dentro do rigor estabelecido, e as estações do sudeste come-

çam a ficar preocupadas, as condições de propagação são muito ruins. Finalmente no dia 16 de janeiro ele marca uma hora para a América do Sul, em 15 metros, às 03:00 UTC. Os bons ventos da propagação ajudaram e todo o mundo que apareceu na frequência o trabalhou sem dificuldade. QSL, diz ele, só quando terminar sua estada na ilha: não serão pagos antes do ano 2001.

No dia 26 de janeiro, Alan surpreende mais uma vez e aparece no ar como AX0LD em comemoração ao dia da Independência da Austrália. Fez cerca de 850 contatos. Ele diz que nomeará um manager para esta operação apenas e abre "concorrência internacional" para escolha do manager.

O CWSP decide entrar na disputa para ser designado seu manager, como forma de divulgar o Grupo e ainda devido ao fato de que Macquarie está no ar a maior parte do tempo em CW.

Daremos o cartão em troca de colocar o logotipo do CWSP, e mandaremos o excedente do dinheiro arrecadado para onde for indicado, é o que colocamos no e-mail ao Alan. Dissemos ainda: O CWSP tem como objetivo principal divulgar a telegrafia e o radioamadorismo, e temos observado o seu trabalho em telegrafia.

Alan recebeu 250 oferecimentos de estações da Europa, USA e Japão. Fez uma lista reduzida de 4 estações (2 do Japão 1 dos USA e PY2GCW), e começou a negociar. As demais estações fizeram suas ofertas, e o CWSP apenas disse que oferecia os cartões e que era o trabalho de um Grupo que oferecia apoio em troca da divulgação da telegrafia, mais nada. Não era o trabalho de um indivíduo com intenções de se tornar conhecido ou perceber algum resultado financeiro. O dinheiro excedente, seria encaminhado a ele ou a quem ele mandasse, dissemos.

A seriedade do CWSP, o objetivo do grupo em divulgar a telegrafia, fez com que fossemos escolhidos e fomos mais uma vez surpreendidos: Alan disse que o excedente da arrecadação seria doado a uma instituição de caridade à escolha do CWSP. Nada pediu em troca, apenas que ao fazer a doação a encaminhássemos com um cartão onde deverá estar escrito: "From the international Amateur Radio community as a mark of thanks to Alan Cheshire who operated from Macquarie Island as AX0LD on 26th January 2000".

O mundo seria muito melhor se todos dessem um pouco de si, a exemplo do que Alan fez. Nosso muito obrigado a ele.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Abril de 2000

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 161
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

A Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus

O autor dessa frase, pensador, anarquista, revolucionário, dono de grandes virtudes e inabalável coragem derrubou não só um império. Mudou os rumos da humanidade de forma tão radical que só muito tempo depois pode-se aquilatar a dimensão da sua obra.

Seus ensinamentos, quando não seguidos, mostram de forma dolorosa que os erros cometidos trazendo a desordem e a injustiça, o caos enfim.

Há alguns dias, um colega defendeu o uso da faixa de 12 metros pelos “irmãozinhos” caminhoneiros, argumentando que os “coitadinhos” precisavam falar com suas famílias, precisavam do rádio para suas seguranças e que, “coitadinhos” eles mereciam nossa admiração e respeito porque sem eles o Brasil pára. São eles que transportam a nossa comida e nossos bens, enfim devemos tudo a eles. Finalizando sua argumentação o autor da defesa dos “coitadinhos” disse que era um deles e encerrou: “Caminhoneiro com muito orgulho”.

O nosso colega perdeu uma excelente oportunidade de ficar calado, foi infeliz e infantil na sua pobre e tola argumentação.

Obviamente não temos e nem poderíamos ter algo contra qualquer classe, fosse ela constituída de investidores, banqueiros, floristas ou radioamadores. São legítimos representantes de uma comunidade e como tal deve ser respeitada.

Seguindo a estúpida argumentação do infausto

colega, deveríamos defender os intrusos dos 10 metros, dos 40 metros, defender os assaltantes os criminosos ou será que a delinquência é prerrogativa dos pobres e desamparados? Não é o que trazem as notícias, nem o que conta d. Nicéia. Dentre os malfeitores apontados por ela pude constatar a existência de engenheiros, administradores, economistas, advogados, pessoas que usam colarinho branco, pessoas que usam colarinho collaridos...

Essas pessoas também são pais-de-família, pertencem a classes trabalhadoras e honradas, ou será que trabalhador é apenas o metalúrgico do ABC? Embora as classes desses senhores sejam honradas e trabalhadoras eles não o são, e em não o sendo, e devem ser investigados, julgados, presos e condenados.

Da mesma forma os operadores da faixa do cidadão que não respeitam a alocação de frequência, legalmente estabelecida, devem ser punidos com o rigor da lei, sejam eles políticos ou caminhoneiros, a lei não os distingue. Segundo os ensinamentos, proferidos à mesma época da frase-título, a lei é igual para todos e deve ser cumprida ou então teremos a desordem, o caos. A sociedade tornar-se-á o que é hoje a faixa dos radioamadores. Podemos viver sem o rádio, mas não podemos viver, literalmente, sem o respeito à ordem estabelecida.

A agregação de pessoas ao redor de um instrumento corporativo com o objetivo de defender interesses mútuos é uma atitude correta e sadia.

Quando algumas pessoas passam a defender de forma irracional os erros cometidos por funcionários relapsos, incompetentes, ladrões, levantando como bandeira pertencerem à categoria do faltoso, utilizando-se do famigerado espírito de corpo, (ou seria espírito de porco?) mostram de forma clara que não estão aptas a viver em sociedade. Defendem o erro com intenções sorrasteiras, com a única finalidade de promoverem-se. Pensam, que “defendendo o colega” angariarão votos para a próxima eleição sindical. Não são apenas cínicas, são moralmente deformadas.

Essas pessoas, falsas defensoras dos “fracos e oprimidos”, não merecem nosso respeito, merecem, antes, nosso desprezo pela falta de respeito à nossa inteligência e capacidade de avaliação. O corporativismo defeituoso é uma doença social e como tal deve ser extirpada. Não se trata de preconceito, trata-se de pós-conceito.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Maio de 2000

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 162
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

A globalização da desconfiança

*A quantidade de inteligência
do Universo é constante.*

Phillip Antoniadis – PY2CPU

Até há não muito tempo o fio do bigode era mais do que suficiente para garantir a palavra empenhada. Firma reconhecida? Nem pensar.

Não vai muito longe e uma expedição era aceita apenas com a palavra do operador. Eu estive lá, dizia o expedicionário e a operação era validada, ninguém questionava.

Os operadores de 7O1YGF foram gentilmente convidados, pelas autoridades do Yemen, a encerrarem a operação e voltarem para casa. A licença, segundo consta, será expedida posteriormente de forma a validar os trinta e cinco mil comunicados registrados. Nas listas de discussão via Internet corre uma louca e desenfreada verborragia sobre a validade da operação 7O1YGF. Discute-se tudo: se a ARRL vai aceitar a operação, se as autoridades iemenitas emitirão o documento com data atrasada. E se o fizerem? Digamos, a licença sairá com data posterior a operação, a ARRL aceitará os QSLs para crédito? Afinal, sob o rigor burocrático, os comunicados devem ser feitos após a devida formalização. Como os comunicados foram feitos antes da expedição da licença (se é que vai ser emitida) é bastante provável que não sejam aceitos, mas o entendimento da ARRL pode ser outro. Em 1996 houve uma outra operação no Yemen por DJ9ZB e JH1AJT, operaram com o indicativo 7O1A. Havia licença escrita, carimbo de entrada no passaporte, forneceram toda espécie de documentação possível e a ARRL não aceitou. A Liga

simplesmente contestou a competência da autoridade emissora da licença, decidiu que o órgão emissor não tinha autoridade para tanto, imiscuindo-se nos assuntos internos de uma nação soberana, e pronto. Recusou. Uma vergonha, urraram todos em uníssono.

E agora? Vai aceitar uma operação legítima? Ou vai dizer que a data não coincide? Teriam eles o mesmo comportamento se os operadores fossem N7 ou W5? Perguntam todos desconfiados.

De onde surgiu a desconfiança de que a operação era efetuada dentro de um barco, em caso de ilha com desembarque perigoso? De onde surgiram as dúvidas de que a “ilha” não existia? Os mais velhos se lembram de uma “ilha”, cuja existência nunca foi confirmada, mas que “existiu” durante a operação do grande telegrafista. E, dias depois o suposto atol, banco de areia, ilha ou seja lá o substantivo que usaram, foi tragado pelo mar.

Esses mesmos vetustos senhores lembrar-se-ão de que o grande telegrafista operou de São Pedro & São Paulo, confortavelmente instalado em um hotel na Venezuela.

Mais recentemente outro exímio telegrafista, quase tão bom quanto ao condenado delinquente (sim o W9 está preso, mas por outro crime), iniciou sua incrível carreira operando como 3W3RR, indo posteriormente desembarcar em outras raridades: 1S0RR, YA0RR, 9D0RR, XY0RR, nessa época Burma vinha de um período de mais de 20 anos QRT. O famigerado fora-da-lei não deixou por menos, fez sua última e gloriosa aparição com um excêntrico indicativo: P5RS7 (pê-cinco-erre-esse-sete), isso mesmo, North Korea. Não deu outra, descobriram que ele estava operando de um ponto qualquer da Rússia Asiática.

A enganada, vilipendiada e frustrada comunidade dos DXers em resposta às suas falcaturas, baniou-o, caçou suas operações anteriores e envergonhou-se por ter acreditado e acolhido o desavergonhado flibusteiro.

Atualmente para creditar uma expedição são necessárias pelo menos 7 testemunhas, todas com certificação ISO-9000, 14 quilos de papel devidamente assinados e carimbados, passaporte de entrada chancelado pelo ministro indicado pela ARRL, filmes, vídeos e fotos. Tudo acompanhado de uma declaração afirmando que Don Miller e Romeo Stepanenko não estão envolvidos com a operação.

Como diria o nosso amigo PY2CPU: A confiança é inversamente proporcional à raridade do país.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Julho de 2000

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 164
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

O show do milhão

*Contra a estupidez até mesmo
Deus é impotente (ditado alemão).*

Outro dia fui ao correio postar uns QSLs diretos para Omã, Qatar e outros países. Estarrecido, vi que a moça do correio não conseguia estabelecer a tarifa. Disse-me ela: “Aonde fica esse país Middle East?”.

– Oriente Médio não é país é região, e o país é Omã que fica no Middle East. Me dê um selo para o Grupo IV que está tudo certo, respondi.

Mais alguns dias e fui a outra agência do Correio e o atendente lascou: “Norway, que país é esse?”

– Cobre Grupo III, respondi sem paciência.

Uma rede de televisão esteve recentemente apresentando um programa chamado o Show do Milhão. Nesse programa o candidato a ganhar um milhão de reais deve responder algumas perguntas com um certo grau de dificuldade que vai aumentando à medida que seus acertos se sucedem. Para participar o candidato deve comprar uma revista-zinha sem graça, e esperar ser sorteado, contribuindo assim para o enriquecimento do risonho apresentador. Até aqui nada de novo.

O feliz candidato pode pular três perguntas, contar com o auxílio dos seus consortes, de um baralho com quatro cartas e de um grupelho de universitários que lá acorrem para acudir, numa única vez, o candidato em uma questão mais difícil. É aqui que está o perigo.

Com a propagação muito ruidosa e pouca atividade em 80 metros (minha mais recente mania) comecei a assistir o festival de besteiras. Fiquei re-

almente impressionado, não com o nível dos candidatos, de vez que os que lá aparecem é o resultado estatístico das vendas desse tipo de promoção entre as camadas menos favorecidas economicamente.

O que me impressionou, e muito mal, foi o nível dos universitários. Esses estudantes são provenientes de universidades de todo o Brasil e lá comparecem, a convite do Risonho, como forma de divulgar a universidade que os seleciona entre suas melhores cabeças.

Numa dessas vezes foi perguntado o que é um are, e entre as estapafúrdias alternativas estava lá a correta. O que me deixou de cabelo em pé, brancos é verdade, mas que ainda ficam em pé, foi a resposta dos infaustos universitários: “nunca ouvi falar” lamentou um, “não sei o que significa” queixou-se outro e o terceiro, disse audaciosamente: “não sei o que é mas chuto a alternativa 2”.

Fato isolado? Não, as mais das vezes os tais universitários de, repito, diferentes regiões, não conseguem acertar questões do dia a dia de qualquer estudante. Por serem eles de diferentes pontos do país, representam um hediondo quadro estatístico e nos confirma o deplorável status quo do ensino brasileiro.

Imaginem ser operado por um médico desses, é morte certa. Ser defendido por um advogado desse calibre é cadeia na certa, seja você culpado ou inocente, tanto faz.

O caos já se instalou, os prédios ruem a todo momento, seja no Rio de Janeiro, São José do Rio Preto ou em qualquer outro lugar.

As crianças morrem em hospitais, os idosos contraem infecções terríveis por terem sido submetidos a um tratamento qualquer. Morrem por descuido, por imperícia, por ignorância de quem deveria cuidá-los. A ignorância grassa, campeia, ceifando vidas em todos os Estados, o tempo todo, está nos jornais.

Nós, que já estamos do meio dia para a tarde, de uma forma ou de outra escaparemos desse estado de coisas que os políticos inconseqüentes e demagogos nos impingiu. Mas e os nossos filhos? Nossos netos? Serão eles tratados por seus pares? Que sorte lhes está sendo reservada?

Lembro com muita tristeza do tempo em que os advogados sabiam escrever, os engenheiros sabiam calcular, os médicos sabiam prescrever e os empregados do correio conheciam geografia e não prejudicavam nossas confirmações. Fico triste em pensar num futuro que está tão próximo.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Setembro de 2000

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 166
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

À espera do milagre

*Não basta dar os passos que nos devem levar
ao objetivo, cada passo deve ser ele próprio
um objetivo em si mesmo. (Goethe)*

A súbita mudança de tempo pegou-os desprevenidos. O bimotor, com um motor embadeirado, não resistiu aos fortes ventos: o pouso forçado era inevitável. O piloto habilmente conseguiu pousar numa clareira, danificando completamente o avião mas todos se salvaram com pequenos arranhões e alguns hematomas, é verdade, mas ainda assim nada grave. O rádio não estava operando e não haviam conseguido contato com estações da aeronáutica. Haviam decolado de uma obra no interior da Amazônia com destino a Manaus, mas a imensidão da floresta os havia engolido.

Após deixarem o avião, ou o que restava dele, reuniram-se e puseram-se a olhar o céu à espera da ajuda salvadora: a FAB, algum milagre, qualquer coisa que os tirassem dali. Os dias passaram e nada de ajuda dos céus, nenhum barulho de avião ou qualquer outro sinal. O mutismo dos céus era aterrorizante. Por sorte havia água e a selva lhes estava fornecendo alguma alimentação.

Ninguém soube como havia começado mas, de súbito, lá estavam eles engalfinhados em violentas discussões culpando-se mutuamente. Culpa do piloto, bradavam uns. Foi o seu atraso que nos colocou nesta situação, se tivéssemos decolados ao alvorecer nada disso teria acontecido, retrucava o piloto. E as discussões prosseguiram de forma cada vez mais perigosa e inócua.

Finalmente, cansados, desgastados da caótica situação, acalmaram-se, ou talvez os impropérios ha-

viam se esgotado. Reuniram-se ao pé do fogo que alguém havia providenciado lembrando-se dos seus tempos de escoteiro e puseram-se então a buscar uma solução. Decidiram que o engenheiro, versado em geodésia e astronomia, acompanhado do ex-escoteiro, iriam em busca de socorro, orientando-se pelas estrelas, sol, limbo das árvores ou por outras indicações que a natureza oferece aos que sabem dela se utilizar.

Ao cabo de algumas semanas o socorro veio e todos foram salvos, alguns quilos mais magros, mas saudáveis e amadurecidos pela dura lição que a vida os impingira.

A sociedade brasileira está da mesma forma passando por uma provação parecida. Ficou anos e anos à espera do Messias que não veio. O homem collorido foi o último deles. Está há anos culpando a tudo e a todos: ora o Presidente, ora o Governador, ora o Congresso, mas nunca a si própria, que é a real culpada. Culpamos as instituições e vemos imbecis com ar de douto dizendo: “essa situação é produto da nova ordem vigente e... blá, blá, blá”. Só não vemos é a busca da efetiva solução dos nossos problemas. Ainda estamos no estágio 2, o das acusações tolas, irresponsáveis e infrutíferas.

Nós, radioamadores, estamos na mesma situação, ora ficamos à espera da fiscalização da Anatel ora culpamo-nos a todos. Dizemos: a culpa pela existência dos clandestinos em 10 e 12 metros é sua, que foi caminhoneiro. Ou: a culpa é sua, que não utiliza os 10 metros. A discussão prossegue, acalorada, apaixonada e inútil.

Porque não nos organizarmos e tentarmos uma solução para os nossos problemas? Algo como propor um convênio entre a Labre e a Anatel? Ou mesmo uma denúncia escrita, formal, ao agente fiscalizador? Ou, talvez, até mesmo escrevermos para o nosso deputado ou senador cobrando-lhe providências políticas junto à Anatel, à Polícia Federal, à Polícia Rodoviária? Se estes não dispuserem de instrumentos legais para dar cobro ao pedido, que os políticos promovam tais meios.

A vinda do Messias não acontecerá, ninguém virá dos céus para expulsar os clandestinos. Discussões procurando culpados não resolvem. Discussões só produzem efeitos quando acontecem sob a égide da razão, da busca de soluções.

Precisamos urgentemente, e a qualquer custo, passarmos para o estágio 3, o do trabalho, sob pena de, se não o fizermos, sermos banidos das nossas próprias faixas.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Outubro de 2000

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XX Número 167
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

A entropia é irreversível, felizmente.

Há alguns anos uma universidade paulista colocou a seguinte questão em seu vestibular: “Se colocarmos 100 casais de cães de diferentes raças em um ambiente fechado e considerando-se que a gestação do cão é de 8 semanas, qual será a raça resultante após 156 semanas? Justifique.”

A raça resultante é um cão muito parecido com o cão selvagem africano, mantendo todas as características caninas mas perdendo todas as características individuais de cada raça. Esta singular experiência destruiria, inapelavelmente, e em muito pouco tempo, o aprimoramento de características desenvolvidas ao longo de séculos e séculos.

Obviamente a descaracterização pela miscigenação vale para qualquer espécie incluindo os humanos. Se alguém tem dúvida e só dar um passeio num domingo à tarde na estação Roosevelt ou na estação rodoviária, ambas em São Paulo.

Vale ainda para qualquer atividade humana que tenha sido resultante da evolução de séculos e séculos de conhecimento arduamente adquirido. Imaginem misturar músicos de pagode em uma classe de aplicados alunos de música erudita, o resultado da composição final seria certamente alguma coisa falando sobre o derrièrre feminino acompanhado por oboés e fagotes em 3 movimentos, conforme determina o rigorismo clássico: *xaxado ma non troppo*, *pedágio* e *rondó rebolante*. Um horror.

É exatamente isto o que está acontecendo com o radioamadorismo: permitiram que cidadãos desprovidos de qualquer compromisso com o desenvolvimento da comunicação se imiscuissem em nosso meio. Foi-lhes permitido o ingresso através

de uma classe denominada faixa do cidadão. Em princípio, a idéia soa bem: permite que pessoas comuns possam “falar no rádio”. Não vão atrapalhar, argumentaram, o alcance é apenas local. Isto vai permitir que alguns deles possam interessar-se pelo verdadeiro rádio-amadorismo, continuaram na sua “inteligente” argumentação, que soa tão honesta quanto um prato de contra-filé de frango.

Para piorar, permitiram que essa gente fosse guindada à classe dos rádio-amadores, através de mecanismos estúpidos. Ao invés de promoverem o interesse e o aprimoramento, optaram pelo caminho mais curto: eliminaram as exigências e criaram a classe D. O argumento continuou o mesmo: “não vão atrapalhar, o alcance é apenas local...”

E lá veio a horda, a massa ignara constituída de vândalos radiofônicos (isso mesmo, eles conseguem apenas comunicar-se em fonia) destruindo tudo o que encontram pela frente. Você tem dúvida? Coruje 40 metros e ouça o festival de asneiras e palavrões. Coruje 12 metros e veja o que corre por lá. E os 10 metros? Aqui o caos é total. Com o ciclo solar alto os truculentos onzemetristas, ao avançarem pela faixa de telegrafia, propagam a selvageria nacional para todos os cantos do mundo que escuta estarecido a pouca vergonha nacional: palavrões, grosseria e toda a sorte de besteiras. E ainda há quem os defenda! Uma vergonha.

Em 40 metros, ali por volta de 6.095 kHz, há uma rodada conhecida como faixinha. Fez escola. Radioamadores devidamente licenciados ali acorrem para aprimorar o sujo repertório. Alguns deles frequentam ambas as frequências: a da faixinha e uma outra em 40 metros. Ilustrados pelos seus pares lá de baixo e com o vocabulário devidamente enriquecido mudam para os 40 metros e despejam o conhecimento adquirido. Pior, ensinam aos novatos como é o “rádio moderno”, como devem ser destruídos os valores que rotulam, descaradamente, como ultrapassados. O descalabro é total.

O resultado final da triste miscigenação não é apenas a descaracterização de um produto evolucionário, é o retrocesso. Pudessem a entropia ser revertida, contrariar a segunda lei da termodinâmica, e teríamos a realização da mais temível ameaça ao universo: a involução. O processo evolutivo não pode ser revertido mas pode cessar e permitir a extinção das espécies. Os registros históricos são pródigos em fatos dessa natureza. Estaremos neste momento assistindo o fim de uma classe? Seremos nós radioamadores, em breve, apenas um registro histórico?

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Novembro de 2000

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 168
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

A inversão de polaridade

Dentre as inúmeras obras escritas por Sergeyvich Prokofiev uma delas merece especial destaque por tratar-se de uma obra didática, dedicada a ensinar às crianças conhecer o timbre dos instrumentos e compará-los com os sons da natureza. Nessa obra, Pedro e o Lobo, Prokofiev visava mais do que isso, ensinava como os pais poderiam estimular as crianças a desenvolverem o gosto pela música. No Brasil houve uma cuidadosa edição com narração do cantor Roberto Carlos; esta magnífica peça era presença obrigatória em toda discoteca decente.

Há alguns meses uma jovem senhora paulistana saiu à procura de uma nova gravação, agora em CD, para presentear seus filhos. Após muito procurar, acabou dando-se por vencida e encomendou à Tower Records de New York um exemplar narrado por um conhecido apresentador lusitano. A obra não é mais editada no Brasil.

Nas suas andanças tudo o que a senhora conseguiu achar foram inúmeras versões de músicas de pagode falando do traseiro feminino, ora subindo, ora descendo devagarinho, ora relaxando e algumas vezes encaixando. Puro lixo cultural com claros apelos à incontida sem-vergonhice.

O que anda acontecendo à nossa pobre população? Terá sido o corpo feminino reduzido à sua parte traseira? Trata-se de uma nova cultura onde todos os valores foram reduzidos a este único tema?

Em verdade o problema é mais grave do que se pode imaginar. Os novos meios de comunicação atingiram níveis de abrangência tão grandes que conseguiram inverter a polaridade da difusão cul-

tural. Isto é alarmante.

Desde priscas eras a cultura vinha sendo difundida das camadas intelectualmente superiores para as de menos cabedal. Sempre foi assim. Esta forma permitiu a evolução da humanidade pois o processo vale, não só para as artes, mas igualmente para a ciência. Os agentes financiadores deste processo, conhecidos como mecenas, procuravam no povo, aqueles abençoados pelo talento, pela inteligência e os financiavam não só para seu próprio proveito, mas para usufruto de toda a sociedade. Mozart teve grande parte de sua carreira financiada pelo clero e pelo imperador da Áustria. A humanidade agradece.

O que vemos agora é exatamente o inverso: as camadas intelectualmente despreparadas, desprovidas do conhecimento, nos imputam sua horrenda produção. Por serem muitos, vendem muito e com isso promovem enormes níveis de audiência nos programas de televisão. Não há como escapar, somos obrigados a engolir o lixo. É inexorável. Em breve estaremos cantarolando rap e pagode.

No rádio-amadorismo “moderno” também é assim, a pexizada (é assim que se escreve?) está invadindo as faixas, ora como clandestinos, ora como rádio-amadores, promovidos por mecanismos ilegítimos, chegando em sucessivas e contínuas hordas. Eles chegam não para desenvolver, chegam para “falar no rádio”. E tome: a QSL, a linear, efeito doble, efeito doubles, efeito duple e outros efeitos que eles citam com o estúpido ar de douto que só os imbecis têm. A nova linguagem vinda da ralé é inesgotável: o mesmo, adentrar (substitui entrar), loira suada (cerveja), pé de borracha (automóvel) e vai por aí afora. Causa-nos náusea, um horror. A boa educação foi pelo ralo, agora usa-se palavrão como adjetivo reforçador. Supõe-se que é assim que eles tratam suas mães as quais chamam de progenitoras! (genitoras). Progenitora é a vovózinha.

Seria este o sentido do rádio-amadorismo? Apenas “falar no rádio”, ao invés da busca do conhecimento? Será a demagogia dos governantes e dos fabricantes de equipamentos auto-fágica? A Índia está prestes a dar o exemplo ao pretender por fim ao serviço de rádio-amador. Argumentam as autoridades indianas que o princípio básico perdeu-se e que não há mais motivo para mantê-lo. Argumentam ainda que, em não tendo mais motivo, torna-se um concorrente predatório aos meios comerciais de comunicação. E se o iminente exemplo indiano for difundido? Será o fim?

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Dezembro de 2000

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 169
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Observando a natureza

O sítio de Maracutaia da Serra é um desses locais que todo DXer sonha ter. Localizado no topo de uma das mais altas colinas da região oferece uma vista de tirar o fôlego. A varanda da casa fica na direção da Europa onde há um imenso vale com um riacho no fundo. Nos dias de inverno o vale fica coberto por uma neblina espessa que impede a visão mas, devido a grande umidade suspensa, faz um duto ressonante próprio para as bandas baixas. Nesses dias é possível falar com a Austrália pelo caminho longo com S-9, sem QSB, talvez fosse possível até mesmo acoplar um phone patch e fazer alguns QTCs em 80 metros fonia antes do anoitecer. Papah Yankee estava sonhando com isso quando foi despertado por Zé QRO.

Desta vez não houve a costumeira invasão dos Piauis, Zé QRO viera sozinho e estava com o semblante um tanto quanto cabisbaixo.

Zé QRO era um desses operadores que liga o linear até para corujar. Para ele 1 kilowatt era coisa de maricas, QRP, próprio dos fracos e oprimidos. Ele acreditava firmemente que o mundo todo o discriminava e não ouvia seus sinais. Na sua bizarra forma de ver o mundo do DX não seria possível permanecer no Honor Roll a não ser a custa de muita potência.

A verdade era outra, ele realmente chegava forte e era atendido, mas era surdo como uma porta e não ouvia a estação de DX atender o seu chamado. Uma das suas mais marcantes características era estar no log de um país qualquer 3, 4, ocasionalmente até 6 vezes, no log. Grande potência e ne-

nhuma paciência eram suas marcas registradas. O enorme coração e sua conhecida generosidade faziam com que fosse um dos radioamadores mais simpáticos e queridos em toda a região. Leal ao extremo não deixava de dar uma mãozinha aos iniciados, diziam até que um conhecido DXer, membro do Honor Roll, devia a ele mais da metade do seu score. Pura maldade dizia ele, o povo fala muito você sabe. Jota QRP, seu grande amigo, vivia lhe puxando as orelhas: Zé não faça isso. Mas ele não se emendava, dizia apenas: Eu não resisti o DX estava lá dando sopa...

Entristecido ele disse para Papah Yankee: - Eu não sei o que anda acontecendo, eu não consegui trabalhar, em 80, nenhuma das últimas expedições. Acho que o pessoal não quer me atender, lamentava ele, convencido da maldade do mundo.

Papah Yankee então disse: Zé em 80 é preciso mais do que potência, é preciso humildade e esperar a hora certa. A última expedição de Willis mostrou que é preciso mais do que estação, foi preciso conhecimento, estudo, paciência e um pouco de sorte. Nessa faixa, continuou Papah Yankee o cluster não adianta, é preciso voltar à moda antiga e corujar muito, esquecer o computador e ficar à espreita nas duas oportunidades, nas duas dobras da propagação.

Como você sabe o DX é muito parecido com o pintado, com a malária, discorria Papah Yankee. Nesse momento Zé QRO olhou espantando e pensou: "Os rumores da loucura dele parecem verdadeiros, o velho está mal." Acho que vou fazer uma rifa para pagar um especialista e curá-lo.

Mas Papa Yankee continuou: - Qualquer pescador sabe disso, o pintado só aparece na hora do pôr-do-sol e no alvorecer. Se você quer pescar porcaria, lambaris e bagres, passe a noite acordado mas se você quer realmente um DX de peso, um pintado, deve ficar atento nesses poucos minutos.

Eu trabalhei Willis em 80 no último dia da operação, nos pouquíssimos minutos em que havia possibilidade, relatava Papah Yankee. Eu havia me debruçado sobre os mapas de propagação e verificado que só haveria chance 20 minutos após o nascer-do-sol aqui do sítio. Por sorte Willis apareceu com um magnífico 579 e consegui o QSO.

O que você acha Zé? Eu estou pensando em esticar um fio de cada lado do vale, com 10 km de extensão, separado de 32 ondas de 160 metros e fazer um duto ressonante para fazer a zona 29 em 160 metros pelo caminho longo. Zé nada disse...

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Fevereiro de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 171
CNPJ 44.964.419/0001-39

Editorial

A legitimidade do QSO

*Nenhum pássaro voa alto demais
quando voa com suas próprias asas.*

Papah Yankee estava dando suas baforadas no seu cachimbo favorito, um daqueles escavado na mais fina roseira, com uma piteira que encaixava perfeitamente na sua boca, e estava contemplando o vale quando vislumbrou lá no fundo o que parecia ser uma formação típica de entrada de frente fria.

Estava a imaginar qual seria a correlação das aberturas nas bandas baixas com a entrada das frentes frias. Ou talvez fosse a atividade solar que provocasse a movimentação das massas polares? O problema é que havia muito pouca informação a esse respeito, contudo as observações de todos os cobrões de bandas baixas apontavam nessa direção, a conclusão era óbvia: quando o tempo esfria 80 metros abre. Sem dúvida esse fenômeno era um dos grandes mistérios da propagação.

Estava ele nesses devaneios científicos quando percebeu a presença de Jota QRP e Zé QRO. Eles sentaram-se e Zé QRO, indignado, começou a falar: “Esta manhã, por volta das 08:50 zulu eu escutei um conhecido DXer em QSO com uma estação da China em 20 metros quando ele bateu: OK QSY 3508 NW”. Fui para 80 metros continuou Zé QRO: e escutei o delinquente batendo a reportagem como se estivesse realmente fazendo o QSO. A essa hora o sol ainda está muito alto na China. Bandido! Não há propagação a essa hora!”. concluiu Zé indignado.

Papah Yankee, sem demonstrar qualquer surpresa,

disse: “Zé, é impressionante o que certas pessoas fazem para ter o DX”. Fazem coisas que costumamos a acreditar, prosseguiu ele, mentem, inventam QSOs, comportam-se como desvairados, como se colocar uma figurinha no log fosse o derradeiro ato de suas vidas. Tem gente, continuou ele, que submetem-se até mesmo à suprema ignomínia: entram em listas! Uma vergonha! Concluiu Papah Yankee visivelmente horrorizado.

Zé QRO, ainda indignado, falou: – Você acha certo marcar schedule por e-mail? Você não acha isso uma atitude anti-esportiva?.

Papah Yankee não respondeu e perguntou a Jota QRP: - Qual sua opinião Jota?

Jota QRP, disse com muito discernimento: – Acho que é a mesma coisa que o pessoal fazia antigamente: telefonava para os amigos, utilizava o rádio de VHF, mandava cartas para o DX, pedia auxílio àquela senhora, ou como os mais ricos que faziam ligações internacionais para o Don Miller pedindo uma frequência fora do pile-up na sua próxima expedição.

Creio que é a mesma coisa, prosseguiu Jota, hoje o ferramental mudou, está mais barato, mais democrático. No meu entender, continuou ele, são todos farinha do mesmo saco, não passam de PXs, gente que flexiona no feminino, a QSL, a linear, essa espécie de gente. Como disse aquele sanguinário facínora francês enterrado em ZD7: “Não há nada de novo sob o sol.”.

O que há, ou melhor, continua, prosseguiu Jota, é a velha corrida pelo primeiro lugar, pelo maior número de países, pelo número mais baixo em diploma mais difícil. Essa gente, continuou ele, é capaz de qualquer coisa na inútil tentativa de angariar o respeito dos colegas. Tudo isso não passa de uma grande bobagem. Ars per ars, a arte pela arte, isto é o que conta, finalizou Jota QRP, do alto do seu saber conquistado por anos a fio de operação em potência baixa.

Bem Zé, retomou Papah Yankee, o fato é um só: cada um faz o DX como quer, ou melhor, como pode. Lembro-me, continuou ele, das sábias palavras do grande DXer Bob Locher, W9KNI: “o DX é uma atividade onde cada um estabelece as suas armas e cada um, ao olhar para o seu diploma saberá o exato valor que ele tem. Apenas ele, o DXer, e mais ninguém.”

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Março de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 172
CNPJ 44.964.419/0001-39

Editorial

Até quando?

Nada nos falta porque nada somos.
Fernando Pessoa

A velhinha estava embrulhada em um cobertor surrado assistindo o noticiário da televisão. A noite fria e o vento forte só faziam piorar o estado de espírito, quando uma notícia chamou a sua atenção: “Os deputados reunidos hoje no Congresso Nacional decidiram colocar em votação um aumento dos seus vencimentos”. “Alegam eles que estão há vários anos sem aumento e que os atuais vencimentos não fazem frente às suas necessidades” prosseguiu o locutor do noticiário.

Os tempos andavam bicudos para ela, a pensão deixada pelo seu falecido marido mal dava para as cada vez maiores despesas do mês, que aumentavam na razão inversa do seu padrão de vida. Essa situação vinha se repetindo mês após mês, ano após ano.

O frio estava realmente incomodando – o aquecedor havia sido desligado na desesperada tentativa de equilibrar o parco orçamento – e ela decidiu fazer um chá para se reanimar. Ao chegar na cozinha teve a desagradável surpresa de saber que o chá havia acabado. Mal humorada, desligou a televisão e foi dormir.

Na manhã seguinte foi ao supermercado fazer algumas compras quando se lembrou que precisava comprar chá. Ao pegar na prateleira um pacote de sacos de chá, deparou-se com uma vizinha e comentou com ela o noticiário da noite anterior deixando-a estarecida. A velhinha, igualmente indignada, disse: “Vamos mandar para o deputado

daqui da região um saquinho de chá com uma nota dizendo que se ele não voltar atrás na sua decisão, aumentar o seu salário, nunca mais iremos votar nele”.

As duas velhinhas, entusiasmadas com a idéia, começaram ali mesmo, a conversar com outras senhoras. Tanto fizeram que a travessura foi notícia na televisão local, o que fez aumentar ainda mais o número de pessoas mandando saquinhos de chá para os congressistas.

Um jornalista de plantão no Congresso Nacional notou que estavam chegando muitas cartas, de uma mesma região, para os deputados daquele estado. Investigativo por natureza, o jornalista acabou por descobrir que todas as cartas vinham acompanhadas de chá. Achou interessante e conseguiu, não se sabe por quais vias, uma carta endereçada a um conhecido deputado. Ao lê-la deparou-se com o texto originado no supermercado: “Se o senhor não retirar essa moção de aumento de salário nunca mais receberá o meu voto”. Levou o assunto para a redação e a diabrura das duas velhinhas apareceu no noticiário nacional. Em alguns dias o Congresso viu-se, literalmente, naufragado por chá. Os deputados retiraram a moção e nunca mais se falou nisso. Afinal, o chá é símbolo da liberdade, disseram eles ao arquivar os seus aumentos. Alguns, cinicamente, emendaram: “Em política vale tudo, só não se pode perder eleição.”.

No início deste ano fomos surpreendidos pelo anúncio da Anatel informando que para a outorga de indicativos especiais utilizados em concursos internacionais doravante será necessário o pagamento do Fistel. A licença, com o indicativo especial, terá duração de um mês. Um contesteiro ativo precisará pagar pelo menos 6 vezes a taxa de fiscalização no ano, fora a relativa à sua licença ordinária. Vale lembrar que pagamos a taxa anualmente e não percebemos qualquer fiscalização, a pexizada, os caminhoneiros, invadiram tudo! Não há para quem reclamar, estamos fadados a ver as nossas frequências invadidas. A destinação dada à taxa é mais um dos insondáveis mistérios que costumam envolver o erário.

Talvez o exercício da cidadania possa nos salvar, a exemplo do ocorrido com as duas velhinhas. Mas como esperar cidadania de um povo que pula catraca? De um povo que tem a frase “levar vantagem” como mote? De um povo que anda de bicicleta na contra-mão e acha que é inteligente?

Vamos calar a boca e pagar, é o que nos resta.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Abril de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 173
CNPJ 44.964.419/0001-39

Editorial

Uma andorinha só não faz verão.

Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes. (Fernando Pessoa).

Há muitos anos minha professora de português mandou, como exercício em aula, alterar a entonação e, por conseguinte, a pontuação da frase-título e contar quantas frases diferentes surgiriam. Esse interessante exercício nos mostrava de forma muito clara não só a necessidade da correta pontuação, mas nos levava a refletir sobre o real significado desse velho adágio.

É bastante comum, em épocas de eleição ouvirmos: “Eu gostaria de votar no Dr. Joséas para impedir a eleição do Sr. Paulo Orestes, mas ele não tem qualquer chance”. E assim, de desculpa em desculpa vamos elegendo quem não queremos. Praticamos, de forma infame, o voto útil. Esse tipo de voto que só é útil para os outros, para quem sufragamos, nunca para nós.

A recente eleição presidencial dos Estados Unidos igualmente nos remete a grandes reflexões sobre a importância do voto, a real importância do indivíduo na coletividade e do seu papel nas decisões comuns. No Estado de Novo México, o candidato vencedor ganhou por míseros quatro votos. Isso mesmo, quatro votos. O grupo de amigos que decidiu ir pescar ao invés de votar (a eleição por lá é facultativa) deve estar muito arrependido, seu candidato não ganhou devido a uma prosaica pescaria.

Durante a recontagem dos votos dessa eleição, discutiu-se tudo. Desde a forma anacrônica como os votos são computados em alguns estados, até a legitimidade de uma eleição indireta onde o Presidente pode ser eleito sem ter o maior número de votos. A eleição por lá é indireta, o colégio eleitoral elege o Presidente. Só não foi colocado em questão a participação do povo. Cidadania por lá não se discute, pratica-se.

O grande mestre Niccolo Machiavelli, sempre incompreendido, mas nunca deverasmente lido, nos ensina: “A primeira conjectura que se faz de um governante, e de seu cérebro, é observar o povo que o acolhe.”

Os pensamentos de Maquiavel nos assustam porque expõem, com obscena clareza, a nossa miséria cívica. Desgraçadamente, nos ensina que a culpa do desgoverno é do povo.

Quando levantamos a bandeira do civismo e clamamos a escreverem para seu deputado cobrando uma ação mais efetiva sobre os nossos problemas, sobre a invasão das nossas faixas, pelos irmãozinhos perueiros, pelos coitadinhos caminhoneiros, pelos pobrezinhos traficantes ou pelos incompreendidos seqüestradores, as mais das vezes ouvimos: “Você é ingênuo, acredita em Papai Noel. Imagine que alguém vai dar atenção para sua reclamação”.

Dizem que em alguns estados estão vendendo licenças. O interessado sai de São Paulo, vai a um determinado estado do Norte, “faz” o exame e volta com o indicativo de chamada da oitava região. Rápido, eficiente, perfeito.

Nós, os verdadeiros culpados, não reclamamos, não os criticamos, até mesmo os acolhemos. Não participamos, não cobramos dos nossos representantes uma ação efetiva sobre a clandestinidade, Não denunciemos aqueles que conseguem seus indicativos de forma espúria. Não denunciemos os traficantes, os seqüestradores, os contrabandistas, os perueiros ou os caminhoneiros. Alguns dos nossos, radioamadores devidamente licenciados, até mesmo os tratam como colegas!

Ficamos imóveis, impassíveis, hirtos. E assim vamos perdendo não só nossa participação na sociedade, mas vamos pouco a pouco renunciando à nossa cidadania. Estamos abdicando do nosso mais sagrado direito: o de sermos dignos.

Uma andorinha, só não faz verão.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Maio de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 174
CNPJ 44.964.419/0001-39

Editorial

A igualdade é injusta

*Os homens são iguais, a única distinção é a diferença que existe entre eles.
(Henri Monnier)*

O sítio de Maracutaia da Serra vez por outra abrigava grandes discussões, nessas ocasiões os assuntos variavam desde o preço da arroba do boi gordo a questões politicamente importantes. Um conhecido e controvertido DXer sempre dava um jeito de expor sua admiração pelo regime monárquico o que literalmente incendiava a discussão. Todos os presentes tinham a mais absoluta certeza de que ele realmente estava a um passo da insanidade. Isto porque teve gente que jurava tê-lo ouvido pregando que um ex-presidente, que falava com um sotaque estranho, deveria ter sido coroado Monarca.

Desta feita porém, estavam todos circunspectos, taciturnos. O controvertido DXer, apesar de seus discutíveis posicionamentos políticos sempre expunha seus pontos de vista de forma muito clara, cartesiana, simples, incontestável. O assunto era da maior importância: estavam discutindo a iminente e gravíssima possibilidade de racionamento de energia elétrica. Ele estava anotando criteriosamente num papel o consumo de energia elétrica entre os presentes.

Vejam disse ele: “O Zé QRO se cortar quinze por cento da sua potência de transmissão continuará transmitindo com alta potência, o consumo mensal dele é de 950 kWh.” Já o nosso amigo PU ali ao lado, gasta 350 kWh por mês, continuou ele, isto significa que ele tem menos gordura para cortar, se

o fizer vai sangrar.

O consternado PU disse: “Eu realmente não tenho o que cortar, vai ser um horror!” Lá em casa, continuou o PU, as roupas são passadas duas vezes por semana, os banhos são curtos e não deixamos luzes acesas em ambientes vazios. A economia lá não é imposição é um ato de consciência e um fator econômico, concluiu o ajuizado PU.

Papah Yankee que a tudo ouvia no mais absoluto silêncio fez a seguinte conta: – “Supondo que o Zé opere 16 horas por dia e consuma 2 kW de entrada em cinquenta por cento do tempo, isto é, metade do tempo escuta e a outra metade transmite, mais 500 watts por hora para o transceiver, computador, iluminação, VHF, rotores e acessórios, teríamos um consumo na estação de 184 kWh; somando-se a um consumo de 450 kWh para o resto da casa, teríamos algo em torno de 650 kWh mensais. A pergunta é: “onde estão os outros 300 kWh?”

Todos olharam para Zé QRO que nada disse mas começou a resmungar algo como: “o medidor está com defeito, preciso falar com a companhia”. Zé levantou-se e disse que tinha que sair pois sua mulher o aguardava para ir a uma festa de aniversário, sua desculpa favorita para cair fora de situações embaraçosas.

O fato é, retomou Papah Yankee, que estão utilizando como desculpa os baixos níveis dos reservatórios para os erros cometidos na política de investimentos públicos no setor energético, para as falcatruas cometidas nas usinas termo-nucleares, com os altos custos de construção das hidro-elétricas e outros tantos erros que nos impingiram.

O grave disse tudo, continuou ele, é que o racionamento não será temporário, será permanente, a exemplo do rodízio de automóveis em São Paulo, onde utilizaram as questões ambientais como desculpa para o mau uso do dinheiro público nas soluções dos problemas de transporte coletivo, nos maus investimentos nas questões de trânsito.

O tratamento igual para os desiguais privilegiará os ricos. Os pequenos, como sempre, pagarão a conta. Isto vale também para as classes produtivas, as indústrias grandes simplesmente importarão as peças que necessitam de grande consumo energético para sua produção e, sem qualquer dúvida, ainda receberão incentivos governamentais para isso. As pequenas indústrias fecharão suas portas, não suportarão a concorrência predatória aumentando o desemprego. Enquanto isso lá no Congresso Nacional... Mas isto fica para outra ocasião.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Junho de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 175
CNPJ 44.964.419/0001-39

Editorial

O tempo é o senhor da razão

*A anarquia é essencialmente
o resultado da ineficiência.
(Thomas Jefferson)*

As Escrituras nos contam que Cristo, em um de seus encontros com os apóstolos, disse ao seu mais fiel seguidor: – “Simão, tu és Petrus (pedra em latim) e sobre ti edificarei minha igreja.”. Simão passou então a ser conhecido como Pedro.

Devido às constantes dissensões políticas com o imperador romano de plantão – naquele tempo as divergências de opinião eram punidas com a morte – Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, em acolhimento ao seu derradeiro desejo, para não ser confundido com Cristo crucificado anos antes.

Pedro, em atendimento às ordens de seu líder, criou uma igreja e a batizou de katholikos, do grego kata (completamente) + holos (universal). Posteriormente, por critério de antigüidade, foi alçado à categoria de santo e, diz o lendário popular, designado para o cargo de porteiro do céu acumulando ainda as importantes funções de responsável pelo clima aqui do nosso pobre país.

O Brasil, diz esse mesmo lendário, é abençoado pelo Criador: não temos terremotos, tempestades, furacões, desertos e outras misérias. A nossa bandeira não ostenta a cor vermelha, nunca tivemos grandes guerras, grandes sofrimentos, pestes ou maldições que aniquilam povos da noite para o dia sem a menor piedade.

Nosso problema é outro, é crônico; sofremos o pior dos males, o da incompetência contínua e or-

dinária, aquela que nos mata um pouco a cada dia. Temos a sina de sermos conduzidos por políticos inconseqüentes e irresponsáveis e que se metem, sem a menor cerimônia a administradores da coisa pública. Votamos para deputados e senadores e recebemos ministros, diretores, dirigentes enfim. Os nossos votos são distorcidos com a maior desfaçatez. Políticos inescrupulosos se apoderam das instituições e as dirigem mal, com os olhos voltados aos interesses partidários e pessoais e não à causa pública. Quando as coisas vão mal não hesitam em culpar ora a imprensa, ora o pobre Santo guardião da portaria. E ao povo impingem sacrifícios e custos, para cobrir suas destemperanças.

Os consultores, os estudiosos e as pitonisas estão há muito alertando a fragilidade do setor energético. As regiões, climaticamente diferenciadas, não estão eletricamente interligadas, as fortes chuvas do sul do país não abastecem de energia a região sudeste, as águas de Tucuruí perdem-se pelo vertedouro e não geram energia para ser transferida para o nordeste seco. Nos assusta menos a falta d'água do que o despreparo; este é tanto que ouvimos um Ministro de Estado dizer: “desconhecíamos a gravidade da situação”. Estamos todos estarrecidos. Esses senhores deveriam ser presos por incompetência grave e delitiva.

A sociedade vê-se pela primeira vez forçada a viver em estado de guerra, de contenção. A crise no setor energético trará desemprego, mais miséria e muito desespero. Viveremos assim, sitiados, durante muitos anos, pois será duradoura. Viveremos como se tivéssemos vermelho na nossa bandeira, vermelho não do nosso sangue, mas o vermelho da nossa vergonha em darmos sustentação aos políticos corruptos e inconseqüentes que nos desonram.

A nossa tão propalada fartura chegou ao fim, o tão festejado binômio pão e circo, que afastava o povo dos políticos, chegou ao fim: não haverá pão e não haverá circo. A sociedade amadurecerá e extirpará os maus políticos e os governantes despreparados do vergonhoso cenário em que nos encontramos.

Durante os períodos de racionamento, quando não pudermos trabalhar, não pudermos operar o nosso rádio e estivermos perdendo os nossos DX, talvez pudéssemos ao menos aproveitar o tempo disponível e fazermos a catarse do nosso próprio comportamento cívico.

Se continuarmos reféns do nosso próprio imobilismo teremos que seguir o exemplo dos governante e colocar a culpa em São Pedro.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Julho de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 176
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Please upload

*"Não há progresso sem mudança. E,
quem não consegue mudar a si mesmo,
acaba não mudando coisa alguma".
(George Bernard Shaw)*

Nos finais de semana, pela hora que precede o gray-line costumávamos nos reunir em 20 metros, ali perto da banda americana; naquela época os americanos só podiam falar de 14200 para cima. Ficávamos ali reunidos: o Zequinha, PT7YS, o Carrato, PY4KL, o Arthur, PY4TK, o Natividade, PY1HX, eventualmente o Jaime, PY2CK e vários outros, todos grandes e implacáveis caçadores.

A conversa era sempre monotônica, mas nunca monótona: DX era invariavelmente o tema. Conversava-se de tudo: estações que estavam no ar ou então expedições previstas. As informações eram raras e difíceis de serem conseguidas, os boletins, que uns poucos assinavam, chegavam com muito atraso e serviam apenas como referência para conseguir um QSL ou outra informação, raramente como anúncio de uma expedição. Às vezes o assunto discorria sobre a forma de operar, como a nova mania recém surgida, a roleta russa, adotada por duas das mais recentes operações: Bouvet por 3Y5DQ e HZ1BS/8Z4, Zona Neutra.

Mas as conversas acabavam sempre descambiando para os QSLs. Os mais antigos gabavam-se de possuírem preciosidades como Albânia, Burma ou a cobiçada China. Os veteranos diziam ainda: "quero ver vocês conseguirem um QSL de Pitcairn, vão ter que esperar anos para o Tom Christian se dignar a confirmar o QSO". Ou ainda, quero ver vocês conseguirem um QSL do Haiti.

De fato, ficávamos todos enrascados em dois ou três países, que não conseguíamos confirmar. Trabalhávamos até que não era difícil, mas conseguir o QSL era outra história.

O quadro não mudou, mudaram as pessoas, o grau de dificuldade dos países variou mas as confirmações continuam sendo a parte mais difícil.

A incrível evolução tecnológica nos traz o QSL eletrônico ou e-QSL que funciona do seguinte modo: uma estação que queira confirmar o QSO com outra manda uma cópia do seu log, (chama-se upload) para um site na Internet. Em seguida o computador desse site manda um e-mail para você dizendo que a estação com a qual você fez o contato lhe mandou um e-QSL e pronto, está completo o processo. Você pode pegar o QSL eletrônico e imprimi-lo ou simplesmente deixá-lo lá para quando precisar creditá-lo em alguma instituição mantenedora de um diploma.

A ARRL, patrocinadora do DXCC, já se manifestou no editorial do Year Book de 2001 que está desenvolvendo um software para gerenciar o diploma DXCC com alimentação eletrônica. Digamos: uma determinada expedição a um país qualquer ao invés de confirmar os contatos através dos QSLs convencionais simplesmente faz upload do log para o computador da ARRL. Este recebe o log e já faz o crédito desse país para todos os participantes do diploma. Você não terá o menor trabalho, o país já lhe será creditado.

Quais as implicações deste novo processo? Quais as vantagens? Qual a segurança do processo? O que fazer? E quem não tem computador?

Como já foi dito, o tempo é o senhor da razão e irá demonstrar quais serão as vantagens e quais serão os prejuízos. Todo DXer é antes de tudo um colecionador: coleciona países, zonas, diplomas mas sobretudo coleciona cartões. Com as novas perspectivas, isto é, o fim do QSL, seremos apenas colecionadores de créditos, de números puros e frios. Terão esses números o mesmo valor que os QSLs?

À primeira vista até que parece bom, não teremos que desembolsar dinheiro para imprimir cartões, pagar selos, envelopes, IRCs, green stamps e de quebra ficaremos livres do terrível medo de perdê-los no correio. Para o novo diploma, DXCC Challenge, a idéia é ótima, os créditos serão automáticos sem qualquer trabalho, uma maravilha. Mas com toda a certeza do mundo, é mais um encanto que se vai. Não se coruja mais, não há mais as rodadas de bate-papo e troca de informações e não haverá mais QSL. Valerá a pena caçar?

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Agosto de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 177
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Estranhos caminhos

*Elementar, meu caro Watson.
(Sir Arthur Conan Doyle)*

Era uma daquelas tardes de inverno, fria, enevoada, como se fosse um aviso de boa propagação nas bandas baixas. Papah Yankee estava absorto, imaginando uma forma de colocar algumas beverages em fase para conseguir copiar a zona 29 em 160 metros quando foi acordado pela horda. “Viemos para o chá”, bradaram eles.

Estavam eles a discutir acaloradamente os insondáveis mistérios da propagação. Um dos piuáis presentes começou a contar: – “Domingo pela manhã, ali pela hora do almoço, havia um 5B4 com um sinal fortíssimo. Eu chamei por ele e não fui ouvido”, continuou o infeliz piuái, “era país novo para mim em 10 metros. O pior”, emendou ele, “é que o sinal era tão forte, mais de 20 dB, que eu não pude acreditar que não estava chegando lá.”

Um outro piáui, remanescente das castas inferiores, disse do alto do seu suposto saber: – “Você sabe, essas figurinhas estão querendo faturar uns greens e só falam com os americanos. Esses operadores”, emendou o pretendente a DXer, “são a vergonha do DX, um descalabro”, finalizou ele visivelmente indignado.

Um outro DXer, este sim um veterano, tomou a palavra e disse: – “Eu também estava nesse pile-up, com uma antena de 6 elementos e 1 kW e igualmente não consegui ser ouvido. Mas”, continuou ele, “isso não foi nada. Aquela grande estação do sul entrou no pile-up com sua gigantesca configuração de 10 metros devidamente empurrada por alguns kilowatts e também não foi ouvida.

Algumas vezes”, continuou o veterano, “a propagação não é bidirecional pois os sinais procuram estranhos caminhos”, concluiu ele.

Jota QRP, que a tudo ouvia, disse calmamente: – “Felizmente, pois se assim não fosse eu ainda estaria engatinhando no DXCC. Vez por outra”, continuou ele, “os americanos chegam aqui muito forte, o DX fraquinho e eu chamo uma só vez e pronto: mais um no log. Os sinais que os americanos colocam aqui não é o mesmo que colocam lá no DX e isso espanta os principiantes. Devemos chamar sempre pois os sinais que recebemos nada representam. Podemos chegar forte em um país que mal escutamos. São os estranhos caminhos”, ensinou.

Papah Yankee, que estava no canto apenas observando o desfilar de tanto conhecimento, deu uma baforada no seu cachimbo de roseira e falou: – “O que houve com o 5B4 foi apenas a diferença entre os ângulos de irradiação dele com os das nossas estações. O ângulo de tiro dele atingia uma região densamente ionizada e refletia o sinal com grande eficiência, ao passo que os nossos estavam atingindo uma região mal ionizada ou sem qualquer condição de refletir os sinais, fazendo com que os nossos sinais simplesmente não chegassem até ele. Este tipo de propagação é bastante comum em frequências críticas, ao redor e acima de 30 MHz.”

“É tolice”, prosseguiu Papah Yankee, “imaginar que os sinais são bidirecionais, é preciso considerar as diferenças de antena, potência, equipamentos, solo e outras, entre as duas estações. Há ainda a diferença entre os terrenos utilizados pelos “skips” das duas estações, que não são os mesmos devido, principalmente, aos seus ângulos de tiros. A absorção dos sinais é função direta da condição de refletividade dos terrenos atravessados.”

“Ao longo da minha vida no DX”, continuou o grande DXer, “já vivi e presenciei situações muito peculiares. Ainda agora estou testemunhando uma série de estranhos comunicados em bandas baixas onde alguns DXers locais conseguem comunicados sem propagação. Dizem os sábios que esses DXers estão utilizando um equipamento novo na recepção, conhecido como DESR (Device for Extra Sensorial Reception), que deve ser o sucessor do EDSP atualmente utilizado nos equipamentos de última geração. Segundo dizem, esses equipamentos são produzidos na Rússia Asiática”, finalizou ele com um sorriso misterioso nos lábios.

Jota QRP, inveterado coruja, sabedor desses QSOs apenas disse: “...elementar, meu caro Watson...”

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Outubro de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 179
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Tudo pelo social

*Desconheço o que o amanhã me trará.
(Fernando Pessoa in extremis)*

Seu dia, 30 de Novembro de 1935, havia chegado. A hora era a hora da morte, da elucidação dos mistérios da fé. A luz estava a lhe faltar, a vida estava se esvaindo; pediu os óculos e escreveu, em inglês, sua última frase: "I know not what tomorrow will bring". Naquele instante haviam acabado as dores na alma de Fernando Antônio Nogueira de Seabra Pessoa, um dos maiores poetas da língua portuguesa. Com ele morreram ainda Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, seus heterônimos.

As dores dos cidadãos brasileiros estão muito longe de acabar; vivemos, por obra e graça dos maus políticos, uma das piores quadras da nossa história.

As minorias organizadas estão a impor suas pretensões que o governo, politicamente covarde, erroneamente lhes concede. Governa-se pela minoria, governa-se pela covardia e pela destemperança. "Tudo pelo social" é o mote.

Ninguém sabe como começou, mas aos poucos as bicicletas começaram a aparecer na contra-mão. Os imbecis com suas caras de doutos, marca registrada dos idiotas, começaram a andar no contra-fluxo do tráfego argumentando: "É mais seguro, eu vejo o perigo de frente"; e não falta quem lhes dê razão. Os pobres ciclistas desconhecem a mais simples das leis da física: velocidades em sentido contrário somam-se. Morrem aos borbotões. Basta andar pela cidade de São Paulo e verá um ciclista morto por dia. Eles não vêem o perigo pela frente, vêem a morte quando é tarde demais. Morrem pela ignorância, pela estupidez. As autoridades nada

fazem.. A imbecil idéia de andar na contra-mão fez carreira, agora andam na rua carrinhos de bebê, cadeiras-de-rodas, carrinhos de supermercado, e tudo o mais que tenha rodas, claro, todos pela contra-mão. O motivo? As calçadas foram tomadas pelos camelôs com a anuência do governo. Tudo pelo social, dizem os nossos politicamente covardes governantes.

As motocicletas andam por entre os carros com o beneplácito da lei, o Código de Trânsito Brasileiro em seu artigo 56 lhes proibia, mas os fabricantes de motocicletas argumentaram que o desemprego seria grande, a categoria dos moto-boys seria prejudicada. O governo, velando pela minoria, anuiu; vetou o artigo 56. Morrem os pedestres atropelados pelas motos, mas isso não é importante, os mortos não se organizam, nada reivindicam e não são ouvidos. Aos mortos só lhes restam doar seus órgãos como exemplo de cidadania. Morrem com dignidade, assassinados pelo descalabro que tomou conta do país. "Tudo pelo social".

Os perueiros incendeiam ônibus, tomam as ruas e zombam das autoridades e nada lhes acontece. O governo acuado brada: "Tudo pelo social".

As ligações elétricas clandestinas, os gatos, propagam-se como praga; na Bahia atingem a marca de 16,5%, no Rio de Janeiro atendem a milhões de habitantes. O governo nada faz, exige racionamento de quem paga, das ligações regulares. Os gatos? Estes ficam impunes e livres de contas e cotas. "Tudo pelo social".

Os traficantes, utilizam as frequências de rádio com seu HTs, os entregadores de pizzas, os manobristas, os seguranças particulares usam as frequências de VHF com a maior cara-de-pau. Estão impunes, o governo os ignora e lhes dá guarida: "Tudo pelo social".

Os caminhoneiros usam as nossas frequências, expulsam-nos dos 12 metros, dos 10 metros, ou de qualquer outro lugar. Fazem parte das minorias organizadas, portanto nada lhes acontece. Aos caminhoneiros juntam-se os perueiros, os pescadores em 80 metros, os fazendeiros, e quem mais quiser. A fiscalização, é claro, só atua sobre os radioamadores licenciados. "Tudo pelo social".

O caos instalou-se, a sociedade agoniza, o país está à morte por falta de energia e o governo ostenta sua postura favorita: "Desconhecíamos a gravidade da situação". O governo, em todos os níveis, zomba da sociedade, debocha da maioria desorganizada. Desgraçadamente desconhecemos o que o amanhã nos trará mas teremos que enfrentá-lo.

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Novembro de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 180
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

O império do Islã

Por volta do ano 610 da Era Cristã um analfabeto tropeiro começou a ter sonhos em que um anjo de nome Jebrail o chamava ao topo de uma montanha, ali pelas cercanias de Meca. O anjo trombeiteiro (sim é o mesmo Gabriel), nos seus sonhos, dizia ter importantes recados do Senhor.

Maomé, o tropeiro, mostrou-se estar à altura da interlocução e absorveu com grande propriedade os ensinamentos. Apesar da sua pouca cultura e nenhuma letra, era dotado de grande inteligência e invulgar senso político. Disse ele ao retornar da montanha: “não sou um ser divino, sou um analfabeto ungido pelo desejo de Deus em melhorar o nosso povo”. De modo a não entrar em conflito com outras religiões monoteístas, afirmou que Cristo e Buda também foram legítimos representantes da Sua vontade. Mas, continuou ele, seus seguidores deturpam os ensinamentos do Senhor que agora o elegia como Seu profeta. Habilmente, escolheu para sua unção o mesmo morro usado tempos antes para por à prova a fé de Abraão, aliás, usou a própria pedra onde ele colocara o primogênito para matá-lo. Fica ali perto de Meca onde hoje está a grande mesquita do Islã.

De volta a Medina, sua terra de origem, Maomé, por não saber escrever, convocou os letrados para ditar o Corão, criando o conselho dos sábios que chamou de Shura. No ano de 622, ano zero do islamismo, Maomé empunhou armas e decidiu tomar as cidades de Medina e Meca, não sem antes comunicar ao Shura que, por não ser divino, seu sucessor, caso caísse em batalha, deveria ser eleito por eles. Morreu em 633, aos 63 anos, e o conselho elegeu Abu Baker (não confundir com 5AIA),

que uniu a religiosidade e o código de conduta do Corão aos poderes do Estado.

De forma a propagar o texto sagrado, Abu Baker obrigou a todos a aprender a ler e escrever, eliminando a analfabetismo e fazendo do livro a grande arma de expansão do seu império.

Assim, século após século, o islamismo cresceu e difundiu os ensinamentos. As universidades de Teerã, de Bagdah e de Medina, trouxeram grandes avanços nas ciências e nas artes matemáticas. Nesta última criaram o conceito do zero: os algarismos romanos não o têm, os arábicos têm. Os médicos de Bagdah intuíram que as doenças poderiam propagar-se pelo ar e pelo contato, assim, decidiram isolar os doentes de mesmos sintomas em alas separadas dos hospitais, que também é outra criação islâmica. A indústria têxtil árabe era de excelente qualidade: era tão boa que, quando os católicos queriam vestir as imagens dos seus santos, usavam os tecidos árabes; aliás, aqueles arabescos bordados com fios de ouro nas bordas são trechos do Corão ali desenhados para divulgá-lo.

O império cresceu tanto que ia desde as montanhas de Cashemira na Índia até os costados da Espanha, não sem antes passar por todo o norte da África. Se cresceu tanto por que acabou? Acabou pela guerra com as cruzadas romanas e sobretudo, pela invasão dos bárbaros vindos da Mongólia. Ambas as frentes tomavam as aldeias islâmicas, ateavam fogo nos livros e assassinavam os membros dos Shuras, dizimando o conhecimento de mais de mil anos.

Aqui estamos todos temendo pela nossa invasão bárbara, acenam alguns que os caminhoneiros e pexizeiros devem invadir, como se já não o fizessem, as nossas faixas, agora amparados pela lei. Pregam eles que os novos bárbaros sejam dispensados dos exames de telegrafia, dos parques e poucos conhecimento de eletrônica e venham a fazer parte da classe dos radioamadores. Querem eles moldar as leis às suas limitações e contam com a próxima reunião da ITU para alcançar a glória suprema: ser radioamador classe A, pêipsilon de duas letras como dizem. A cruzada contra o radioamadorismo já começou e será curta, seremos todos banidos, teremos os nossos boletins, revistas e artigos técnicos incinerados. Seremos perseguidos e expostos à execração pública, teremos nossos QSLs confiscados e queimados em nome da nova ordem. Não mais existirá limitação de modo ou de frequência, o caos instalar-se-á definitivamente e os telegrafistas serão chamados de terroristas...

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Dezembro de 2001

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 181
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

A massa crítica

No momento das reformas, deve-se ser muito cuidadoso, porque os que melhor vão se beneficiar com as reformas ainda não sabem disso. E os que começam a perder sabem de imediato. (Machiavelli)

A recente reunião da IARU propôs oficialmente o fim da telegrafia para os exames de radioamadores. A decisão final, contudo, dar-se-á, para desesperos dos incompetentes, apenas na próxima reunião da ITU prevista para 18 de abril de 2002.

Qualquer que seja o resultado dessa reunião, o fim da telegrafia já terá sido decretado. Não como meio de comunicação confiável e muito menos como modalidade abrangida pelos radioamadores de boa cepa. Seu fim, como agente seletivo, deu-se no momento em que os interesses comerciais, isto é, interesse em aumentar a quantidade de radioamadores, superpuseram-se aos interesses de pesquisa e experimentação, apenas isto e nada mais. A verdade insofismável é que a boa e velha telegrafia ainda é utilizada pelas forças especiais, as forças de elite de vários exércitos; continuará ainda a ser utilizada como meio de transmissão entre os radioamadores que a usam como modalidade esportiva em competições, onde o DX se inclui. A telegrafia apenas deixa de ser uma barreira para os que desejam “falar no rádio”, isto é, apertar um botão e falar, como se faz nos telefones celulares. Esses pretensos radioamadores nada trazem ao desenvolvimento das comunicações, não estudam, não pesquisam, enfim são meros e inúteis coadjuvantes.

Os tolos, e os muito tolos, pensam que a extinção da obrigatoriedade de conseguir identificar uns

poucos sinais em código morse deveu-se aos seus inúmeros e histriônicos reclamos ou quiça às suas baboseiras pretensamente literárias. Não passam de vivandeiras tentando acompanhar a marcha da história sem contudo influência-la. Patéticos, para dizer o menos.

Tentando ser menos drástico pode-se, com muito boa vontade, dizer que essa gente, essa massa ignara, composta dos infaustos faladores, até que ajuda. Por serem numerosos, afinal a mediocridade representa a média da maioria, podem constituir-se em mercado comprador e evitar que os fabricantes de antenas e equipamentos fechem suas portas.

Podem ainda engrossar a massa cinzenta (não confundir com o cérebro) que participa dos concursos e nos dar preciosos pontos. Eles podem até mesmo participar dos concursos de telegrafia, pois os computadores substituem o cérebro dessa gente com grande vantagem. A grande massa cinza, a horda, ajuda em muito nos contestes, os grandes operadores sabem disso, dizem eles: “curso se ganha trabalhando aqueles que entram fazem cinquenta ou cem comunicados e desaparecem.”

Define-se como massa crítica a quantidade mínima ou número necessário para que algo comece a acontecer. Assim, a massa crítica para os preços das antenas começarem a diminuir será algo, digamos, em torno de 20.000 potenciais compradores. Sim, pois se dez por cento da massa se interessarem seriamente por DX teremos 2.000 futuros compradores e, se um quarto deles tiverem dinheiro suficiente para implementarem seus sinais, teremos 500 compradores de antenas diretivas como eles dizem. Já os equipamentos de aumento de potência, os amplificadores lineares requerem como massa crítica um número de potenciais compradores ao redor de 100.000 entusiasmados principiantes. Essa gente, equipada com boas antenas e bem municiados poderão entrar nos pile-ups e finalmente fazer com que os DX virem suas antenas para a América do Sul e possam dizer: “listening 14200 for PY2 only. The others please stand by.”

Contudo a massa crítica acontece também para outros lamentáveis acontecimentos. Por exemplo: a massa crítica de urânio para detonar uma bomba atômica com grande poder de destruição é de apenas umas poucas unidades de massa. A massa crítica para fazer você perder um país é de apenas um idiota chamando geral na frequência de transmissão do DX e isto é deverasmente alarmante...

Arrectis Auribus

de PY2YP – Cesar

Janeiro de 2002

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXII Número 181
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

O falso cognato

*Um tolo culto é mais tolo que
um tolo ignorante (Molière)*

"La vien un tarado pelado com su saco en las manos correndo atraz de la buseta".

A chegada da TV paga, nos trouxe além do aumento da programação, tanto em variedade quanto em qualidade, nos trouxe, de quebra, um grande avanço cultural. O grande número de filmes e outros programas importados de outras plagas, sobretudo a que está acima do rio Grande, fez com que as operadoras e distribuidoras dos filmes aumentassem em muito a oferta de empregos para tradutores. A excelência do serviço oferecido é tanta que ganhamos dois filmes, um que está sendo apresentado com a tecla SAP e outro que está sendo dublado ou que está em legendas.

Os disparates são inacreditáveis, os incompetentes e despreparados tradutores, ou talvez apenas mal pagos e portanto apressados e descuidados, nos concede, gratuitamente, um grande festival de asneiras. É comum ouvir traduções assim: *he attended to the conference* ser traduzido como "ele atendeu a conferência". *To attend* significa comparecer e *conference* nunca foi conferência e sim reunião. Conferência em inglês é *lecture*.

Ou então maravilhas como estas: *I realize* por eu realizo (eu penso) ou *we will celebrate* por vamos celebrar (comemorar). Estas bobagens são, desgraçadamente, muito comuns e são conhecidas como falsos cognatos. São palavras que aparentemente tem o mesmo significado mas, em verdade, expressam pensamentos diferentes.

Alguns falsos cognatos fizeram carreira e incorpo-

raram-se ao nosso idioma: *design* virou desenho, deveria ser projeto; *plant* virou planta, deveria ser instalação e outros tantos que não vale a pena tentar lembrá-los. O uso desses falsos cognatos fazem com que a idéia não seja corretamente expressa gerando desentendimentos.

Em nosso meio também é comum ouvir: "a antena tribanda marca tal é uma antena de compromisso, porque é uma antena para três bandas e nunca poderá ter o rendimento de monobandas.". A assertiva é verdadeira, antenas tribandas nunca terão o mesmo rendimento que as monobandas com o correspondente número de elementos. O que está errado na frase é a expressão "compromisso". Antena não tem compromisso, quem tem compromisso é o operador quando marca um *schedule*. O que o despreparado interlocutor quis dizer ou queria ter dito, é que a antena tribanda tem o seu rendimento comprometido por abrigar três bandas em uma só antena. *To compromise* significa comprometer; compromisso é *commitment*.

Basta corujar um pouco as faixas e a diversão continua, os supostos DXers praticam o falso cognato invertido, isto é, versam para o inglês palavras que não tem qualquer significado para os anglofônicos, só tem algum sentido em português de rua, de sarjeta. Tudo isso com uma pronúncia de cair o queixo, algo assim: minha vaca é papaiianqui-tu-taltal, quando deveriam dizer meu indicativo é tal. Pronunciam *cow* ao invés de *call*. Praticam inglês de gago, falam: humm, heeee, huuuu e por aí adiante. Estudar um pouco nem pensar, isso é coisa de trouxa e maricas; eu aperto o PTT e falo, dizem eles. Patético.

Outros, menos ousados, e igualmente ignorantes, pedem para o amigo fazer seus DX em fonia e vão assim, de grão em grão ou de gronga em gronga, caminhando em busca de seu sonho pândego: ser um DXer respeitado. Igualmente patético.

Quando os pretensos DXers tentam falar castelhano, aí a festa pega fogo. Dizem: *pueco* (poco), *lar-go* ao invés de *ancho*. Ou então a maravilha das maravilhas: por favor *CUERREX* que *yo voy* a tomar una *cueca cuela*. Estarrecedor. Deveria existir alguma lei que os obrigassem a estudar um pouco, a comunidade mundial e os corujas agradeceriam in imo pectoris.

Fica-se a imaginar como eles traduziriam a frase inicial, que na verdade apenas significa: "Lá vem um tonto careca com seu paletó nas mãos correndo atrás do loteação"...

Arrectis Auribus

de PY2YP - Cesar

Março de 2002

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXV Número 184
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

A antena ideal

Valorize suas limitações e não se livrará delas. (ditado alemão)

Era uma daquelas tardes quentes do verão, daquelas em que os pássaros, com medo de queimar os pés, recusavam-se a sentar nos elementos das enormes monobandas que ficavam no alto do morro no sítio de Maracutaia da Serra. Elas fiicavam ali, solitárias e silentes contemplando o enorme vale, com seus ares de superioridade.

Papah Yankee nessa hora do dia, próximo ao cair da tarde, quando as bandas estão abertas, tinha por hábito dedicar-se à leitura. Deitado ali na rede ele podia ficar olhando as antenas e ficar imaginando que sinais estariam chegando. Nada que preste, resmungava ele, bandas altas são para principiantes, essa espécie de gente que fica contente quando trabalha alguma coisa do Oriente Médio ou alguma ilhota do Pacífico. Levantou os olhos e viu que Jota QRP estava chegando para o costumeiro bate-papo em companhia de um velho conhecido frequentador das bandas baixas.

Eles chegaram, cumprimentaram o veterano DXer e sentaram-se. Papah Yankee estava bem humorado e convidou-os para corujarem juntos a sacrossanta hora do *grayline*. Como ainda faltavam alguns minutos para o sol cair puseram-se a conversar sobre o tema preferido: antenas.

Jota QRP iniciou a conversa dizendo que havia corujado uns radioamadores em 40 metros que estavam a ponto de trocarem insultos, um defendia as yagis, outro as cúbricas e um terceiro dizia que não havia nada que se comparasse a uma vertical à beira-

ra-mar. As opiniões variavam, bem como variavam os casos, um dizia que havia trabalhado um país no meio de um terrível pile-up com uma simples monobanda de 3 elementos ao passo que um outro que estava com uma cúbrica de 4 elementos estava apanhando feio, e ainda assim, prosseguia o primeiro minha yagi está baixa, imaginem se estivesse alta.

É interessante isso, observou Papah Yankee, se vocês prestarem atenção, certamente ouvirão casos onde uma antena se sobressai em relação a outra em uma dada circunstância. Como a ignorância dessa gente é tão profunda quanto uma fossa abissal, eles nunca saberão as verdades dos insondáveis mistérios da propagação e também nunca desvendarão os eternos enigmas das antenas.

Ainda outro dia, continuou Papah Yankee, “eu estava corujando uma estação localizada numa ilha do Pacífico que estava operando, em fonia, em 15 metros com sinais de S8 na minha yagi que está bem alta e tem ângulo de irradiação baixo. Na mesma hora, e na mesma ilha, havia uma outra estação em telegrafia com sinais miseravelmente fracos, ligeiramente acima do ruído, algo em torno de S2. Eu simplesmente virei a chave de antena para um Vê invertido que uso em 40 metros para contatos b-cais e o sinal dessa estação subiu para S-4, perfeitamente trabalhável.

O que ocorreu é que a estação de CW estava operando em um ponto da ilha, atrás de um paredão enorme que bloqueia o sinal para a América do Sul, ao passo que a estação de SSB estava no alto de um morro com boa visibilidade para nós. Assim, uma antena com ângulo de tiro alto tinha melhor rendimento para a estação que estava oculta.

Em verdade, ensinou Papah Yankee, não existe antena ideal, existe uma antena indicada para cada situação de propagação e de localização. Vejam como as grandes estações de concurso trabalham, elas possuem duas ou três configurações diferentes para cada faixa, com ângulos de irradiação diferenciados, onde podem, ao simples toque em uma caixa de fasamento, variar o ângulo de tiro. É claro que essas configurações são caras e exigem muito espaço, e não estão ao alcance da maioria das estações, mas ainda assim, podemos, dentro das nossas limitações, fazer uma ou outra variação para cada situação. O importante, finalizou ele, é ter consciência do comportamento da propagação e procurar a melhor forma de utilizar os recursos disponíveis.

Arrectis Auribus

de PY2YP - Cesar

Abril de 2002

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXV Número 185
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

Proxy QSOs

Ludwig van Beethoven, proprietário de um cérebro. (o próprio)

Durante as festas do início do século XIX era de bom tom colocar um laçao à entrada para que este anunciasse em alto e bom som o nome e as propriedades do conviva recém chegado. Para que o laçao pudesse ter a preciosa informação o convidado mandava antecipadamente seu cartão informando o nome completo e a relação das propriedades que gostaria de verem anunciadas à sua triunfal chegada. O grande compositor, convidado para uma dessas festas, por não ter propriedades, listou seu único e precioso bem: seu cérebro. Assim, à sua chegada o laçao bradou: "Ludwig van Beethoven, proprietário de um cérebro." Conta a lenda que os presentes ficaram mortalmente envergonhados e o costume de expor publicamente a riqueza ilícita encerrou-se nesse dia.

A vergonha e a conseqüente extinção do costume deu-se não em razão da posse, mas da forma como o bem foi havido. Não é vergonhoso ter dinheiro, propriedades ou honrarias desde que a obtenção destes bens tenha sido de forma ilibada e honrada. A vergonha se dá quando as posses são resultado de desmandos ou de atos ilegais. Da mesma forma as honrarias quando conquistadas de forma pouco esportiva, de forma desleal ou espúria devem ser motivo de vergonha.

"Não posso esconde-las pois condenar-me-ia". Raciocinam os detentores de conquistas ilegítimas: "Se eu ostentá-las hão de imaginar que são verdadeiras, pois ninguém teria, em sã consciência, a

coragem de torná-las pública", imaginam com escárnio em seu desavergonhado corolário.

Mudaram os tempos mas não mudaram os costumes, a humanidade é a mesma, com suas mazelas e ilusões, talvez um pouco mais cínica, ou quiçá mais tola. De qualquer forma nota-se que os padrões de decência estão desaparecendo em todas as atividades humanas e, como não poderia deixar de ser, está a acontecer em nosso hobby.

A edição de agosto de 2001 da revista QST publicou um interessante artigo de autoria de Roger Western, G3SXW, sobre a nova forma de QSOs denominada *proxy* QSO, ou comunicados por procuração, que vem sendo adotada em alguns países. Quando um DXer consegue quebrar o pile-up, imediatamente após o seu QSO muda de indicativo trabalhando a estação para seus amigos, parentes e correligionários com a maior desfaçatez.

Roger Western comenta, com muita propriedade, que o DX tem um certo aspecto de competição, sobretudo o diploma DXCC. Acrescenta ele: "Existem ainda as diferenças culturais, alguns somente têm prazer com o seu próprio sucesso se ele for o resultado da sua própria conquista, ao passo que outros parecem ter um profundo desejo de aceitar as falsas glórias.". Perfeito e lamentável.

O respeitado autor, não cita nomes e indicativos, mas diz textualmente: "é comum ouvir, digamos, um operador PY2 ou UA9 chamando com vários indicativos diferentes." Conta ele, que quando da operação a VK9C, "um certo operador trabalhou os indicativos da expedição: VK9CXF, VK9CXW e VK9CXJ em várias bandas e chamando em seguida com os indicativos de seus amigos ouvindo como resposta, em alguns casos, QSO B4, pois ele não sabia que seus amigos já estavam no log". Interessante, muito interessante...

Na sua desenfreada ânsia de trabalhar o país para seus amigos e parentes, eles esquecem que para os bons ouvidos os sinais telegráficos podem ser facilmente identificados pelo timbre, pela cadência e por outras características próprias de cada transmissor. Esquecem ainda que há muita gente no pile-up e que esse procedimento é motivo de zombaria e deboche entre os operadores de expedições quando estes se encontram em foruns como Dayton, Visália e tantos outros. Uma vergonha.

Não haverá outro Beethoven e não há mais festas precedidas de anúncios de posses, mas seria muito interessante que não fossemos todos confundidos com a turma da cooperativa.

Arrectis Auribus

de PY2YP - Cesar

Maio de 2002

Boletim do CWSP

Informativo do Grupo de CW de São Paulo
Estação Oficial PY2GCW
Caixa Postal, 1807 - SP 01059-970
Ano XXV Número 186
CGC 44.964.419/0001-39

Editorial

O fim de uma era

Apenas duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana mas eu não estou seguro quanto à primeira.
(Albert Einstein)

Cedo ou tarde aprendemos que mesmo a mais longa estrada tem um fim, que mesmo o mais glorioso dos dias tem um poente, a mais bela sinfonia tem sua nota final e mesmo o mais entusiasmado pode cansar-se.

Uma rápida análise do Boletim Informativo nos mostra que as suas seções foram aos poucos perdendo sua importância, as colunas de manager, informações de DX e de concursos perderam seu sentido substituídas que foram pela proliferação das informações mais ágeis e mais eficientes disponíveis por diversas páginas da internet. As colunas da secretaria e coluna técnica podem perfeitamente atender às suas finalidades através da página gráfica do CWSP.

Em verdade, o Boletim Informativo foi criado para ser o veículo de divulgação formal das atividades do Grupo. Mudaram os tempos e mudaram os meios, a página gráfica fará as vezes de boletim informativo mantendo os associados devidamente informados sobre as atividades de forma mais rápida e eficiente, mais eficaz enfim.

Certamente alguém se lembrará de tecer críticas a esta medida, críticos nunca faltaram, colaboradores sim. Dirão eles que a tradição deve ser mantida, que é lamentável, que a atitude tomada é irresponsável e outros tantos reparos. Porém, em meio aos críticos, ninguém moverá um único dedo para to-

mar as rédeas do Grupo ou assumir as funções de redator, ou mesmo mandar uma única colaboração, por pequena que seja.

É chegada a hora de aceitarmos as mudanças e moldarmo-nos a elas. Não deixa de ser triste perder uma publicação voltada exclusivamente a uma modalidade radioamadorística, triste mas imposta pela crueldade da modernidade.

Ninguém mais do que este seu editor lamentará a extinção do Boletim Informativo nos moldes atuais. Afinal, foram 55 meses de convívio onde foram escritos 33 editoriais e 55 boletins. Foi uma tarefa executada com grande prazer e nenhum cansaço. Apenas alegria, do começo ao fim, aliada ao aprimoramento da capacidade de escrever um texto em um espaço pré-determinado, sem mais nem menos palavras, apenas a conta certa. Para quem, como eu, vive da sua escrita foi um fenomenal aprendizado e só por isto já teria valido a pena.

O nosso mais assíduo colaborador, PY2NFE, Ronaldo continuará escrevendo sua Coluna Técnica que será publicada na nossa página gráfica. O organizado e corretíssimo tesoureiro, PY2MT, Toni, igualmente terá a movimentação da Secretaria publicada no mesmo veículo. As informações sobre a atividade radioamadorística propriamente dita, isto é, concursos, managers e dicas de DX perdem definitivamente seu lugar para as fontes mais eficazes disponíveis na internet. A página gráfica poderá ainda abrigar uma coluna voltada à exteriorização do pensamento dos associados, mais ou menos nos moldes dos editoriais, não mais ficando restrito ao pequeno espaço destes, mais livre e mais fácil de escrever portanto. Aos demais colaboradores o meu profundo agradecimento, foi uma honra e um grande prazer ter convivido com vocês.

Aos associados do CWSP o meu muito obrigado pela atenção e tolerância com os erros cometidos. Aos leitores não associados que nos honraram com suas indefectíveis presenças igualmente os agradecimentos de todos nós do Grupo. O número de boletins retirados mensalmente da nossa página gráfica nos mostrou o acerto da medida em tornar o nosso boletim disponível a todos.

Last but not least, os personagens do sítio de Maracutaia da Serra voltam para lugar de onde vieram e nunca mais assombrarão os infaustos DXers, a turma da cooperativa e tantos outros que nos forneceram farto material para os editoriais, a eles o meu mais profundo muito obrigado. Sem eles a vida teria perdido muito do seu colorido...

Arrectis Auribus

de PY2YP - Cesar